

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

DIÁLOGOS DIÁRIOS:
diálogos plurais *in* diários singulares

Daniele Moraes da Silva

Pelotas, 2024

Daniele Moraes da Silva

DIÁLOGOS DIÁRIOS:

diálogos plurais *in* diários singulares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, na linha de pesquisa – Narrativas (auto)biográficas, Cultura Escrita, Linguagem e Inclusão - da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

A presente Dissertação foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil - CAPES.

Orientadora: Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão

Coorientadora: Dra. Andrisa Kemel Zanella

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

S586d Silva, Daniele Moraes da

Diálogos diários [recurso eletrônico] : diálogos plurais in diários singulares /
Daniele Moraes da Silva ; Maria Helena Menna Barreto Abrahão, orientadora ;
Andrisa Kemel Zanella, coorientadora. — Pelotas, 2024.
85 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade
de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Pesquisa (Auto)Biográfica. 2. Cartografia. 3. Diários. 4. Dimensões do Ser. I.
Abrahão, Maria Helena Menna Barreto, orient. II. Zanella, Andrisa Kemel, coorient.
III. Título.

CDD 370

Daniele Moraes da Silva

DIÁLOGOS DIÁRIOS: diálogos plurais *in* diários singulares

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 28 de junho de 2024.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão (PPGE/UFPel)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Profa. Dra. Andrisa Kemel Zanella (PPGE/UFPel)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

Profa. Dra. Márcia Alves da Silva (PPGE/UFPel)

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança (UNICAMP)

Doutora em Educação pela Universidade de Évora, Portugal.

Profa. Dra. Elsa Lechner (Universidade de Coimbra / Portugal)

Doutora em Ciências Sociais pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, França.

Agradecimentos

Após estes 24 meses de empenho, descobertas, desafios e buscas, agradeço a todos que contribuíram neste processo.

Agradeço a todos que habitaram o plano físico, energético e espiritual, cada um e cada qual à sua maneira.

Agradeço às minhas orientadoras pela confiança e dedicação nesta caminhada.

Agradeço à banca composta para a avaliação desta pesquisa e por todas as suas contribuições.

Agradeço aos familiares do plano terreno e ancestral. É com (e por vocês) que honro nossa linhagem.

Agradeço à Marília Carolina pelo reencontro galáctico e universal.

Agradeço às minhas raízes, às forças da Natureza Sagrada por todos os esclarecimentos e expansão da consciência.

Agradeço aos mais velhos e aos mais novos, honrando a minha ancestralidade.

A conquista de uma é a conquista de todas!

Em minha experiência, é na escrita que o pensamento rende o mais que pode: a escrita convoca o trabalho do pensamento, e lhe traz maior acuidade e consistência. Escrevo, portanto, porque necessito e às vezes tenho medo do que aconteceria se eu não pudesse ou não conseguisse mais escrever. Mas de que é feita esta potência que atribuo à escrita? Como funciona isto que estou chamando de escrever? (Rolnik, 1993).

Resumo

SILVA, Daniele Moraes da. **Diálogos Diários**: diálogos plurais *in* diários singulares. Orientadora: Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Coorientadora: Dra. Andrisa Kemel Zanella. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Dentro de diálogos singulares, encontro diálogos plurais. São nestes diálogos diários que, todos os dias, dialogo comigo e com todas as outras de mim. Meu objetivo, nesta pesquisa, realizada no curso de Mestrado em Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, é trazer à tona a discussão que uma pesquisa científica pode ser fundamentada a partir de questões mais sutis e de forma mais poética. A academia não é (nem precisa) ser dura. A academia é o momento em que nos encontramos com os nossos e com a verdade mais interna que habita em nós. Com uma escrita potente, sutil e criativa desejo buscar discussões e alicerces para que nossos “eus” não fiquem guardados atrás de limitações. Para abordar tais questões, utilizo meus diários autobiográficos nos quais armazeno a narrativa de minha história e a trajetória que percorri até aqui. Os diários são o meu objeto de estudo o qual se dá por meio da pesquisa (auto)biográfica e da cartografia como método de pesquisa. A análise desta investigação ocorre a partir da teoria das dimensões do Ser e quais, quanto e de que forma identifiquei cada uma delas dentro das páginas dos meus diários. As dimensões do Ser é uma teoria criada por Marie-Christine Josso a qual foi sendo desenvolvida e aprimorada no decorrer dos anos pela autora. Esta abordagem foi escolhida para esta pesquisa primeiramente por ser condizente com o tema abordado. Ocorreu, também, pelo fato de me dar a possibilidade de analisar e identificar, de que forma as dimensões do meu Ser-no-mundo serviram tanto para a construção da história da minha vida quanto para minha existencialidade como ser humano. Ao concluir esta análise, além de perceber o quanto cada uma das Dimensões do Ser fazem parte da minha formação como ser humano, pude identificar, a partir do conjunto, uma Dimensão que resultou de todas aquelas que me constituem e estão presentes em minha narrativa: a Dimensão (uni)versal do ser artista-cartógrafo-pesquisador – o Ser da metanoia que me une em versos.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)Biográfica; Cartografia; Diários; Dimensões do Ser.

Abstract

SILVA, Daniele Moraes da. **Daily Dialogues:** plural dialogues *in* singular journals. Adviser Professor: Dr. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Co-adviser professor: Dr. Andrisa Kemel Zanella. 2024. Master's Degree Dissertation (Master Degree in Education) – School of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

Within the singular journals I meet plural dialogues. In these daily dialogues, I, day-by-day convey with myself and all the others in me. My main objective with this research is to include the discussion that a scientific study can be based in a sutil and poetic inquiry. This scientific study was made to obtain a Master's Degree in Education at the Federal University of Pelotas. The academy does not need to be, and should not be, stiff. The academy is the place to meet our peers and also meet the most profound truth that lives in us. With a potent, sutil and creative writing, I wish to promote discussions and to fundament bases in which ours "I's" do not be kept under any limitations. In order to do that I used my own auto biographic journals in which I store the narrative that brought me here. These journals are my study objects that I analyze using the autobiographic research and the cartography as a research method. The investigation analysis is made using the theory of Self-dimensions. These dimensions are identified throughout the pages of my journals. The Self-dimension is a theory created by Marie-Christine Josso and it has been developed and enhanced by the author. I chose this approach to the study at first because it was the perfect choice for the theme and also because it gave me the possibility to analyze and identify my own Self-dimensions in the world and the construction of my life's history and my existentiality as a person, a human. In the conclusion of the study I could infer how much each Self-dimension were part of my formation as human, I could also identify another dimension as a result of all the others present in my narrative: the Self-(universal)dimension of the artist-cartographer-researcher Self – the metanoia-Self that joins me in verses.

Keywords: Autobiographic research; Cartography; Journals; Self-dimensions.

Lista de Figuras

Figura 1	Diários utilizados na pesquisa de Mestrado.....	16
Figura 2	Pequenos trechos dos escritos (auto)bio-nossos.....	19
Figura 3	Carto(grafar).....	21
Figura 4	<i>Metá-hódos – Hódos-metá</i> : a inversão do método.....	24
Figura 5	Mapas inacabados... Mapas em constante transformação..	27
Figura 6	Conversando com uma página que sonha.....	31
Figura 7	Representação gráfica das dimensões do Ser.....	43
Figura 8	Dimensão do Ser identificada: Ser de carne.....	48
Figura 9	Dimensão do Ser identificada: Ser de carne (texto e imagem completos).....	49
Figura 10	Dimensão do Ser identificada: Ser de carne (detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 9)).....	50
Figura 11	Dimensão do Ser identificada: Ser de carne (texto e imagem completos).....	51
Figura 12	Dimensão do Ser identificada: Ser de carne (detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 11)).....	52
Figura 13	Dimensão do Ser identificada: Ser de carne e Ser de sensibilidades (texto e imagem completos).....	53
Figura 14	Dimensão do Ser identificada: Ser de carne e Ser de sensibilidades (detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 13)).....	54
Figura 15	Dimensão do Ser identificada: Ser de sensibilidades.....	56
Figura 16	Dimensão do Ser identificada: Ser de sensibilidades.....	57
Figura 17	Dimensão do Ser identificada: Ser de sensibilidades e Ser de emoções (texto e imagem completos).....	58
Figura 18	Dimensão do Ser identificada: Ser de sensibilidades e Ser de emoções (detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 17)).....	59
Figura 19	Dimensão do Ser identificada: Ser de emoções.....	61
Figura 20	Dimensão do Ser identificada: Ser de emoções (texto e imagem completos).....	62

Figura 21	Dimensão do Ser identificada: Ser de emoções (detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 20)).....	63
Figura 22	Dimensão do Ser identificada: Ser de emoções (parte textual é continuação da imagem anterior (Figura 21)).....	64
Figura 23	Dimensão do Ser identificada: Ser de afetividade.....	65
Figura 24	Dimensão do Ser identificada: Ser de afetividade.....	66
Figura 25	Dimensão do Ser identificada: Ser de afetividade (texto e imagem completos).....	67
Figura 26	Dimensão do Ser identificada: Ser de afetividade (detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 25)).....	68
Figura 27	Dimensão do Ser identificada: Ser de afetividade - Página “Linha do tempo em tempo”	70
Figura 28	Dimensão do Ser identificada: Ser de cognição.....	71
Figura 29	Dimensão do Ser identificada: Ser de cognição.....	72
Figura 30	Dimensão do Ser identificada: Ser de atenção consciente..	74
Figura 31	Dimensão do Ser identificada: Ser de ação.....	76
Figura 32	Dimensão do Ser identificada: Ser de imaginação (texto e imagem completos).....	78
Figura 33	Dimensão do Ser identificada: Ser de imaginação (detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 32)).....	79
Figura 34	Dimensão do Ser identificada: Ser de imaginação (detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 32)).....	80
Figura 35	Dimensão (uni)versal: o Ser da metanoia que me une em versos.....	82

Sumário

Com sua licença, uma primeira narração: auto-bio-graphar.....	12
O que estou fazendo aqui? Por que aqui? Por que dessa forma?	12
Entre alinhavos e marcações, um mapa em transformação	14
Da arte à pesquisa (auto)biográfica: qual o caminho que este mapa despertou?.....	15
A pesquisa (auto)biográfica e o reconhecer minha dissertação como processo íntimo de autoria	17
Entre diários e memórias: escritos (auto)bio-nossos.....	18
Entre memórias, a singularidade em pluralidade	20
O método cartográfico e o carto(grafar) de conhecimentos	20
A cartografia subjetiva que habita nos vãos e nos espaços	22
A inversão do método para percorrer um caminho em verso.....	23
Os mapas inacabados e o destino surpresa	26
Territorializar para (re)territorializar	28
O cartógrafo-artista-pesquisador: a magia da ciência com a arte do rigor	29
Encontros imaginários de um mapa em (re)construção	30
Que encontros são estes?.....	32
O que está em constante construção e/que transforma(a)ção.....	32

O aporte, o recorte e o norte: os teóricos em prosa de teoria	34
Uma ciência poiética	36
Da poiesis à (paz)ciência	37
Uma (cria)atividade em constante (re)significação.....	38
Estrutura do ser: como este ser pesquisador e pesquisado se constituiu até aqui? .	39
Dimensão (uni)versal do ser artista-cartógrafo-pesquisador: o Ser da metanoia que me une em versos	77
Onde encontrei apoio, abrigo, inspiração, fundamento e sentimento: as minhas referências.....	83

Com sua licença, uma primeira narração: auto-bio-graphar

O eu
A vida
A linguagem
A grafia
O grafar
O contar
O componente central para uma compreensão do mundo...
Mas qual mundo?
O mundo do humano
Do ser
Do existir e do (re)existir
Do ser humano que existe de novo
Diferente de ontem
De outra forma
Com suas lembranças e memórias
Um ser humano cheio de histórias
Que conta a sua vida
Escrita por si mesmo
O ser humano em/com suas trajetórias...

O que estou fazendo aqui? Por que aqui? Por que dessa forma?

Há tanto o que (re)lembrar, pensar, (re)significar... Entre capítulos e diários inéditos, (re)escritos e (re)habitados há um desmemoriar para rememorar, um crescer para (re)nascido e um reconhecer para pertencer. Quando falo a respeito do que faço, sinto como quem fala da descoberta de uma nova galáxia e/ou de uma nova célula de cura. É intenso e imenso! No entanto, não se trata de nenhuma descoberta que mudará o mundo, mas sim de uma redescoberta de vida, guardada

e engavetada por receios e incertezas. Amassada, rasgada e amarelada... Pelo tempo e pela impermanência.

Quem era e quem é ela?

De quem vos falo e por quê?

Falo de, falo sobre, falo com... O que inspiro e expiro por todos os poros: a arte!

Sublime, plena, intensa, generosa, veemente e tudo o que nos transborda, dá vida e revive. A arte é essência e alma, o que mais são estas duas vias senão vida? Tão mais fortes e profundas do que apenas e, simplesmente, um coração a pulsar. Este “Eu” que vivia apenas de arte, percebeu que havia mais o que ser feito. No caminho havia muitas e tantas outras dobras a serem vividas e territorializadas... Um dos territórios que passou a ter um grito ensurdecedor foi o da academia, do encontro, da pesquisa, da troca, da ciência... O caminho da revolução e da evolução.

E como vou unir tudo isso?

Ora... Com paciência... Com paz(ciência)... Com a ciência que traz paz. Com outros paradigmas científicos, com os paradigmas (arte)entíficos... O desejo é mais simples do que se pode imaginar: descortinar mundos e ampliar os modos de olhar/ver/enxergar.

O meu Eu na pesquisa não diz o que quer da pesquisa, ele diz o que sente ao imergir e emergir em cada nova linha: sente/percebe uma pesquisa que traz a marca/subjetividade de quem a escreve... Uma pesquisa com identidade.

E os meus referenciais?

Ah... Estes são a minha companhia diária... De andanças, viagens e marcações. Caminho com eles, por eles, por mim, por ti e pelos nossos. A cada conversa partilhada, registro um conjunto de ideias atravessadas por subjetividades (auto)biográficas. São conversas entre a artista e a pesquisadora, mapeadas e costuradas como (e por um) diário (auto)biográfico. Nestas companhias diárias que tanto fortalecem esta investigação quanto embasam a teoria, encontro, principalmente, com Marie-Christine Josso, Walter Benjamin, Suely Rolnik e Gilles Deleuze. Digo principalmente, pois estes autores são os que sustentam o eixo principal deste estudo. A partir deste eixo, outros tantos desdobramentos são realizados e, conseqüentemente, outros referenciais se juntam a esta caminhada das escritas diárias.

“Entendi... Tudo muito bonito. Mas, e o teu “Eu” na pesquisa? Onde está?”.

Eu? Na minha pesquisa? Eu sou a pesquisa! E o que de fato é necessário para mim? A minha necessidade é criar... Sem criar sou apenas um corpo caminhando a esmo. No entanto, quando e enquanto crio, sou um corpo que se constitui, habita e reabita em cada andar.

Entre alinhavos e marcações, um mapa em transformação

Um mapa em transformação que se constitui a partir de alinhavos, marcações e recolocações na palma da mão. Não utilizo um mapa para chegar a determinado destino, eu utilizo o mapa para traçar um novo lugar a se chegar... São as metamorfoses nas andanças, é a metanoia da vida. Eis um mapa em transformação que explicita um dos objetivos da cartografia como método: invenção e criação.

Sendo assim,

O que orientará o desejo em seus cortes, nesse caso, é a busca de uma resposta ao ponto de interrogação que se colocou para a subjetividade ao se ver destituída de seus parâmetros habituais. Em suas ações, ele se conectará com pontos inabituais da superfície para fazer seu corte, buscando vias de passagem para a germinação e o nascimento do referido embrião de mundo que habita silenciosamente o corpo (Rolnik, 2021, p. 60-61).

Esta criação tão desejada ocorre nesta investigação da seguinte forma: uma pesquisa (auto)biográfica escrita por imagem e por texto em diários autobiográficos. A cartografia guia este estudo pelo fato de estar em constante movimento, criação e descobertas. No momento em que olho para esta narrativa que envolve arte, educação e processo formativo analiso de que maneira as dimensões do Ser-no-mundo contemplam e contribuem para a formação do meu ser e da minha história. Todos estes elementos transformam este mapa que está em constante mutação: o mapa da vida... o qual contempla passagens importantes no decorrer de minha existência bem como minha formação profissional, vivências pessoais e experiências de um ser humano que habita o mundo e faz morada tanto em cada

espaço habitado e habitável quanto cada espaço em branco do Universo... Espaço pronto para ser construído, vivido e imaginável.

**Da arte à pesquisa (auto)biográfica:
qual o caminho que este mapa despertou?**

Despertou um caminho que sequer imaginei que haveria de traçar: o caminho em/na educação.

Quando, há 16 anos iniciei a graduação no curso de Bacharelado em Artes Visuais, a escolha pelo Bacharelado e não pela Licenciatura, ocorreu em virtude de não imaginar o que/como poderia fazer/acontecer dentro de uma sala de aula. No entanto, bons anos após a conclusão da graduação, percebi que tudo o que senti, vivi e experienciei enquanto aluna, me fez querer dividir com o mundo e gerar multiplicidade... Uma multiplicidade de possibilidades... E por que não em Educação?

Foi o maior desafio: iniciar a transição das Artes para a Educação.

Transição?

Não! Nem poderia!

Não se tratava de mudança, de ser necessário abandonar uma para me tornar outra.

Havia espaço para tudo e para todas que constituem meu ser.

Nas artes, sentia meu coração pulsar e a alma levitar. Na educação é minha vida que pulsa, meus movimentos não cessam, meus territórios se multiplicam e as possibilidades de pesquisas em Educação são o que me fazem dissertar.

Em viradas e mais viradas de páginas, de acordo com Deleuze (2013, p.48) “marcar caminhos e movimentos, com coeficientes de sorte e de perigo” me leva a desejar verdadeiramente um caminho criativo e potente em minha pesquisa (auto)biográfica na área da Educação. Quando penso nestes coeficientes de sorte e perigo acesso em minha memória os momentos em que acreditei não ser possível pertencer ao campo da Educação. Os motivos eram inúmeros, entre eles: “Não consigo dar uma aula!”, “A maneira que penso não será bem vista!”, “Não tenho

experiência!”, “Sou introspectiva!”, “Penso que as pesquisas deveriam ser diferentes!”, “Conheço pessoas que adoeceram por causa da Universidade”... Algumas das frases e argumentos que eu utilizava comigo mesma para me distanciar de tudo aquilo. Até que os medos, receios e tantos “nãos” que coloquei como obstáculos deram espaço ao sonho, ao querer, ao desejar... Deram espaço à imaginação e à criação... Deram espaço para tudo aquilo que eu mantinha dentro de mim e dentro do ateliê de arte... Era tudo forte e intenso demais para limitar apenas a um único campo. Então abri meus diários (Figura 1)... E foi de dentro deles que vi emergir um universo de possibilidades para firmar o propósito e falar com o coração: eu tenho uma pesquisa na Educação!

Figura 1 – Diários utilizados na pesquisa de Mestrado¹



Fonte: Arquivo pessoal

¹ Foram utilizados quatro diários nesta pesquisa, sendo que um deles foi utilizado especificamente para o capítulo de análise da Dissertação. Destes quatro diários, três foram escritos no decorrer do curso de Mestrado.

A pesquisa (auto)biográfica e o reconhecer minha dissertação como processo íntimo de autoria

Este campo de pesquisa, embora subjetivo e poético, é também enigmático... Profundo. É preciso contexto, embasamento e segurança para mostrar uma ciência com subjetividade e leveza. Há conhecimento e há busca, incessante e intensa, em razão de que

O discurso (auto)biográfico comporta sempre inúmeros riscos. Ninguém se *diz* impunemente. As tentações da vaidade ou do niilismo perseguem os esforços para dar sentido a percursos feitos pelo caminho do que somos, mas também pelos caminhos do que nos obrigaram a ser (Nóvoa, 2004, p.7).

Uma pesquisa (auto)biográfica é, pois, uma investigação/ato de intensa reflexão acerca de caminhada, percurso e formação. Faz pensar e repensar, criar e recriar, gera movimento e transformação.

Ao acessar na memória fatos que ficaram para trás, seja por descuido ou esquecimento desejado, são estes acontecimentos passados que darão corpo e sentido para que eu retrate esta história singular, plural e universal. O que trarei? O que devo trazer? Devo? Por que ou por quem? São questões que não se dissipam no decorrer de todas as páginas que compõem esta pesquisa e narrativa. Ao (tentar) responder todas elas penso no que/qual parte quero revelar ao outro e o que me revelará enquanto pesquisadora. São reflexões constantes, dilemas permanentes, mas a certeza que em cada passo deve ser colocado, realocado e contribuído! O que será revelado? Em que tudo isso contribuirá dentro da academia ou dentro do ser humano? Não posso ainda responder, mas falo com certeza: mais uma trama na rede (auto)biográfica está assegurada!

Nesta caminhada, mergulhada em minha pesquisa, percebo que estou em constante provocação, minha comigo e com vós. As sinuosidades pertencentes ao percurso geram transformações... Do meu ser, viver e existir. Trabalhar nesta escrita

autoral implica uma fusão da artista-nômade-pesquisadora² e, nesta fusão, se mostram os medos, receios, anseios, inseguranças, mas, todavia, a satisfação por fazer algo relevante para que os próximos venham a se identificar. Isso é pesquisa e é rede... É comunhão!

Mas, de fato, uma pesquisa (Auto)Biográfica possui tanto e tamanho poder de significados e sentidos? Não, ela não possui... Ela é o poder: o poder de movimentar, de nos tirar de nossos lugares confortáveis e de nossa órbita habitável. A pesquisa (Auto)Biográfica nos invade e nos transborda... Pelos olhos e poros... Por nossas verdades e (in)verdades... Enfim, por nossas reentrâncias e infinitas significâncias. Permite-nos mergulhar em um imaginário lendário e não deixar na obscuridade nossa imaginação. Falo nas entrelinhas e entre linhas: que nenhuma pesquisa ocorra por convenção. Há de se dar força, imergir em nossas verdades e emergir nesta vasta imensidão.

Entre diários e memórias: escritos (auto)bio-nossos

No momento em que olho para meus escritos, os quais chamo de escritos (auto)bio-nossos (Figura 2) percebo o tanto que há ali, em cada linha, parte do meu processo formativo. Percebo que este processo é composto de (e nestes) escritos. Há neste emaranhado de letras e combinação de sílabas, uma trajetória, uma formação, uma vida. Trabalhar com a pesquisa (auto)biográfica não se trata da escolha de um conceito que se encaixa no que faço, mas sim de não perceber qualquer possibilidade que me faça não trabalhar com a pesquisa (auto)biográfica. Ou seja, uma narrativa que é vida e que forma a ação, que em formação constrói a pesquisa (auto)formação.

Pesquisa (auto)formação?

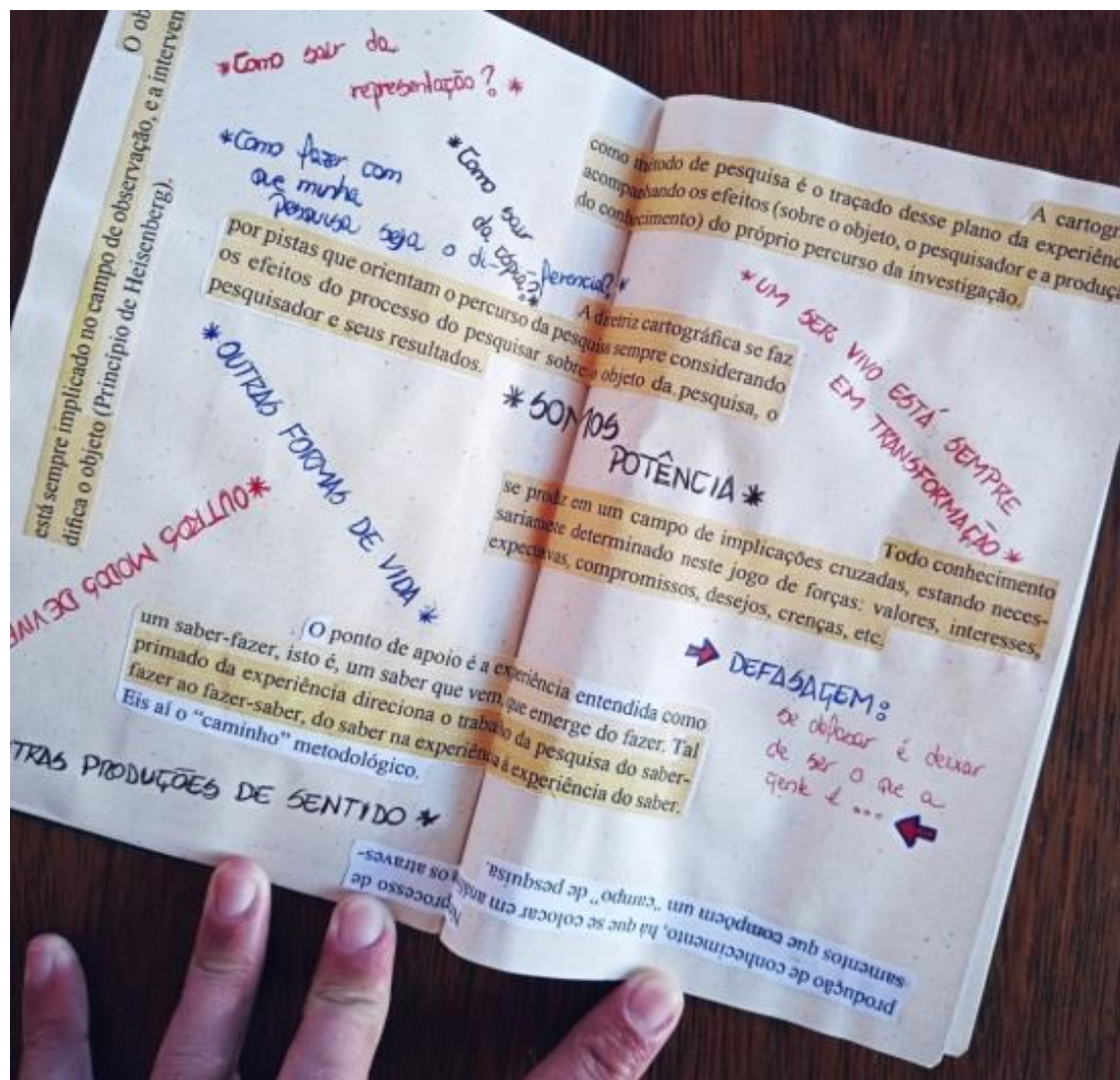
Sim, uma formação do si, com narração, lembrança, memória e trajetória. A formação do percurso em curso... Constante, fluido e (auto)formativo. E o que todos estes elementos abarcam como constituintes de uma pesquisa subjetiva poética,

² A artista que sonha, sente e cria o que vê nos sonhos. A nômade que não se fixa em um único lugar... Da imaginação. Os meus lugares são todos... Todos aqueles que cabem nos meus pensamentos. A pesquisadora que concretiza tudo aquilo que habita nos sonhos, na imaginação, no coração e na alma. A pesquisadora que faz da criação uma constante viagem de transformação.

poiética, científica são as possibilidades variáveis e o entendimento de que “trabalhamos antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o conhecimento objetivo.” (Abrahão, 2011).

Desta forma, com emoção e imaginação, com lembrança e com memória, com referência e significação, a escrita de vida, a escrita da vida, uma constante produção. Produção de uma pesquisa (auto)formação³ a partir de escritos que serão para sempre meus, mas divididos com outras vidas na busca por transformação.

Figura 2 – Pequenos trechos dos escritos (auto)bio-nossos



Fonte: Arquivo pessoal

³ Termo que utilizo fazendo referência à pesquisa-formação de Josso, porém aqui, utilizo como uma formação de mim, individual, singular, plural... De uma constante e ininterrupta (auto)formação.

Entre memórias, a singularidade em pluralidade

Qual singularidade?

Qual pluralidade?

O que são estas memórias e quais suas potencialidades e essencialidades?

São muitos questionamentos para iniciar mais uma marcação?

Vejamos... Como eu expresso minhas memórias, vivências e experiências?

Por que eu expresso? De que forma o outro compreende? Em uma paráfrase de sentidos não limitarei, nesta pesquisa, a potência de interpretação do interlocutor. Bem como não limitarei a potência de criação da criatura em questão. Este estudo é imensidão e vastidão, o essencial é a escrita com criação. É a formação de infinitos plurais a partir do singular desta que vos escreve... Sou cada parte deles, os presentes, os futuros e os guardados na memória.

Quando penso nesta diversidade que me constitui e na qual me constituo a cada novo passo, desejo que tanto estes questionamentos citados quanto a diversidade de mentes que entro em contato não se limitem ao senso comum pré-estabelecido em sociedade. Em uma prosa na frase, na fala e na troca, desejo que esta pesquisa abrace carinhosamente e contemple o ser humano assim como as dimensões do seu Ser-no-mundo. Desejo que esta pesquisa faça com o outro aquilo que minha memória faz com meu ser singular: tornar plural! Sem desumanidades e sem afastamentos, e sim com afetos e com tudo o que é essencial: ir e estar além... Para continuarmos vivos e (re)existentes!

O método cartográfico e o carto(grafar) de conhecimentos

Cartografia... Singela, sublime, potente, criativa e subjetiva.

Ao partir destes adjetivos, não ousou iniciar de outra forma que não: carto(grafar) (Figura 3) é ser e estar... Carto(grafar) é (des)territorializar para (re)territorializar. Para esta transformação e habitação de territórios e (des)territórios, o diálogo ocorreu com Suely Rolnik, Gilles Deleuze e Félix Guattari, autores que mais fortemente contribuíram em minha base para este método. Não é possível

Quando penso em cartografia para delinear minha pesquisa, penso em linhas, aquelas que se constituem a partir da união de vários pontos. Não consigo e não há espaço para pensar em formas e/ou fôrmas. A cartografia é aberta a experiências e vivências, ela ultrapassa toda e qualquer intensidade que lhe atravessa. Enquanto cartógrafa-artista-pesquisadora, mapeio ordenadas e (des)coordenadas de elementos e acontecimentos que permeiam territórios (re)existenciais, eu os exploro e os conduzo durante todo o processo de produção e construção, os processos subjetivos que me permitem criar novas paisagens, movimentos e (re)inventos.

A cartografia subjetiva que habita nos vãos e nos espaços

Instigue e seja instigado por uma cartógrafa-artista-pesquisadora... Esteja desta forma, pronto a carregá-la em sua alma, pois o caminho não produz mapa de retorno ao ponto de partida. Ele já não é (nem será) mais o mesmo! Bem como cada um que acompanhe seu caminho e lhe faça companhia.

Mas quem não é e nem será o mesmo?

A cartógrafa?

A artista

A pesquisadora?

O caminho?

O mapa?

A companhia?

A resposta é: tudo e todos eles... Pois os vãos e os espaços geram transformação!

A cartografia não apenas habita como também vai em busca de tudo aquilo que não esteve à mostra. Os pequenos cubículos, as pequeninas frestas, as mínimas rachaduras, as esquecidas dobras marcadas nos papeis amarelados pelo tempo...

Uma das principais questões que é muito abordada quando apresento a cartografia como método de pesquisa, é o fato de existir esta grande subjetividade no caminho. A questão de não estar nem ser concluída, de não estar exposto o próximo passo na pesquisa, pois este é marcado ao passo em que se caminha, as

marcações são remarcadas, os acasos são bem aceitos e a ciência feita com poesia, entre outros adendos, gera dúvidas e incertezas.

É então que questiono a mim mesma: qual pesquisa não está envolvida em dúvidas e incertezas?

Investigações, exames, testes, buscas de informações, detalhamentos e afins, no processo de todas estas ações citadas, se já existissem certezas absolutas, não haveria motivos para pesquisas. Nesse sentido,

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos (Rolnik, 2016, p.23).

Em vista do que está armazenado nos vãos dos meus diários, percebo que é a ciência com desejo de vir à tona, é o conteúdo guardado nos espaços vazios querendo preencher o mundo e a subjetividade habitando mapas reais... De idas, vindas, retornos, encantos e desencantos. É o que vem de dentro, é o interno e é o intenso, é a leveza dentro de um mundo denso... Se uma das alternativas para tais questões é a busca para a formação de novos mundos, mundos nos quais a maior expressão seja de afetos, verdades e escutas sensíveis, transformo esta dissertação em mais um elemento para esta nova formação.

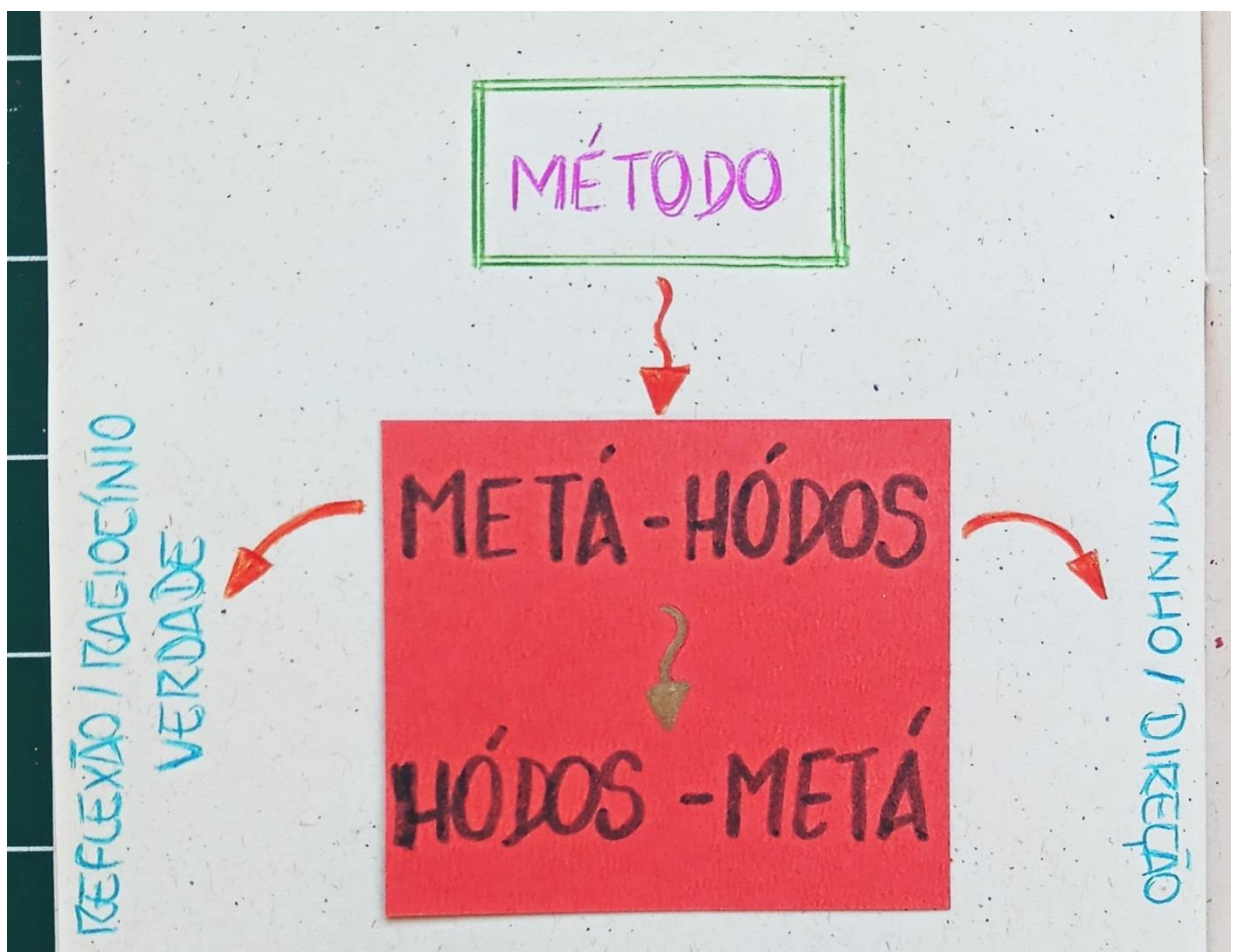
A inversão do método para percorrer um caminho em verso

Quando passei a trabalhar com a cartografia como método para minha pesquisa, percebi (e senti) se tratar de uma preciosidade! É algo que fiz questão de armazenar entre meus bens mais valiosos e inestimáveis: nas páginas dos meus diários. Por todo este significado, que maneira encontrei para falar de meu

embasamento e referencial que justifiquem toda minha paixão ao falar deste método?

Pois bem, inicio parafraseando Barros e Passos (2015) e coloco que trabalhar com o método cartográfico é acompanhar processos. Isto é, no lugar de primeiramente estabelecer metas e objetivos para então iniciar a caminhada, simplesmente inicio... Caminho... E então no decorrer do caminho e no acompanhamento do processo encontro os propósitos. Os autores sugerem uma reversão do método. Ao considerar a etimologia da palavra metodologia – *metá-hódos* – *metá* significa meta e *hódos* significa caminho. Desta forma, a sugestão é de inverter a ordem e pensar em *hódos-metá*, caminhar para estabelecer a meta (Figura 4).

Figura 4 – *Metá-hódos* – *Hódos-metá*: a inversão do método



Fonte: Arquivo pessoal

Nota: Imagem criada a partir do estudo de inversão do método, citado neste estudo (p. 23-24).

No entanto, seja a inversão do método ou toda esta produção de subjetividades existente dentro do método cartográfico, em momento algum nós, cartógrafos-artistas-pesquisadores, trabalhamos omitindo a regra/norma, nós apenas tornamos a experiência menos densa. Desdobramos os caminhos durante o percurso e lidamos com objetivos móveis e em constante transformação.

E quando penso nesta constante e fluída transformação, nestes desdobramentos no percorrer do caminho e na proposta da inversão do método, o intuito é que seja uma inversão sem aversão... Que seja uma inversão leve, plena, curiosa, poética, que seja inspiradora... Que inspire novos caminhos, novas trajetórias, novas criações, novos mundos... Que inspire novas rimas e novos versos... Versos de um *periverso*⁴ nada perverso!

Por entre linhas de escritas da minha trajetória, imagino a seguinte questão vinda de algum interlocutor: “E sobre seu objeto de pesquisa, como lidam um com o outro e ambos com o método?”.

Eis o que mais me encanta e diverte falar! Vossas possíveis e imagináveis reações são ânimo e combustível para esta pesquisa. Quando escuto falar em neutralidade e pesquisador separado do pesquisado, expresso que: é impossível!

Não posso me distanciar de meu objeto, pois somos um só. Eu sou ele, ele me tem e como um único corpo, territorializamos, traçamos, cartografamos e (re)descobrimos nosso andar. Métodos tradicionais não se constituem nos espaços em branco dos meus diários de bordo, ou seja, meu objeto. Produzo subjetividade e conhecimento através de encontros com meus diários... Ou, se preferir, meus mapas cartográficos formados por carta(gráficas). Lugar onde despontam sensações, afetos, poesia, subjetividades bem como teorias e problematizações! O que vivo em cada página destes diários me remete a uma dimensão sensível capaz de orientar e produzir uma pesquisa. Enquanto pesquiso, tomo partido e posição no mundo. Isso é produção de conhecimento e é buscar respostas a toda e qualquer inquietação humana, de mundo, espaço e tempo. Desta forma e por tudo, não posso ser neutra e/ou apenas seguir o caminho que me foi apresentado. O avesso do inverso (lado definido como certo) não me seduz, não me atrai e não me deixa atenta. Sendo assim, esta (in)neutralidade trago em meus objetos... Meus escritos subjetivos nos diários encantados.

⁴ Periverso: a linha que não limita a região traçada pelo meu caminhar, pois está sempre em expansão... O caminhar em versos... O caminhar da imensidão.

Mais do que estas questões e apontamentos, hoje, ainda não posso lhe falar. Pois seguindo o *hódos-metá*, meu próximo ponto ainda não foi cartografado em uma coordenada. Não consigo apontar meu próximo atravessamento, meu próximo encontro, a próxima fronteira que irei cruzar... Tampouco o que (re)existirá nos infinitos vãos das zonas fronteiriças. Vamos caminhar? Na posição de cartógrafa-artista-pesquisadora, sou uma amante dos acasos e me disponho a eles e a tudo o que possam oferecer. Estes encontros imprevisíveis (re)significam conceitos, percepções, afetos e concepções.

Os mapas inacabados e o destino surpresa

Refiro muito, nesta pesquisa, os mapas inacabados, em construção e transformação constantes. Esta referência mais uma vez acompanha o método do estudo que é a cartografia. Segundo Deleuze e Guattari (2012, p.21) “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”.

É nesta suscetibilidade de mutações que me entrego e deixo o destino se tornar surpresa. Certamente não se trata de largar o leme e deixar a pesquisa à deriva, mas sim de não forçar o leme a ir apenas ao destino estabelecido. Há de se estar disposto e a postos, sem perder nada na viagem e receber abertamente as surpresas presentes no caminho (Figura 5).

Pois,

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. [...] Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (Deleuze e Guattari, 2011, p. 30).

Este mapa da multiplicidade, das diversas vertentes, das inúmeras resoluções... Este mapa que abraça esta investigação. Não por um ou outro elemento, mas por todo um contexto e um conceito – poderá ter muitas finalidades, no entanto, não cabe a este mapa ser finalizado – O mapa do caminho (e destino) surpresa está e estará em constante mutação!

Figura 5 – Mapas inacabados... Mapas em constante transformação...



Fonte: Arquivo pessoal – Diário produzido no decorrer desta pesquisa.

Penso que, nesta pesquisa, é necessário arriscar-me... Que devo (e quero) experimentar... Que posso correr todos os riscos... E se eu me perder no caminho? Ora... Para um mapa em constante modificação e transformação não existe perder-se, mas sim (re)significar-se! E é por este caminho que vou... Seja um terreno acidentado, seja uma avenida asfaltada e movimentada, seja a trilha de altos e baixos por entre a mata... São estes caminhos pelos quais eu vou... Para me constituir, formar, (auto)formar, refletir, analisar, descobrir, visitar e revisitar... Nestes caminhos eu vou trilhar, investigar, (re)descobrir destinos surpresas de um constante mapa em construção!

Territorializar para (re)territorializar

Utilizar diários autobiográficos como instrumento de trabalho e pesquisa permite que eu crie outros e novos mundos bem como outros e novos territórios. Confesso que nem sempre foi fácil... Pois o desconhecido gera receio e dúvida, nos faz agir com cautela. Porém, concluída a etapa de medos, parti para a etapa dos anseios, levando na mala uma sensibilidade refeita e curiosidade à espreita. Não sabia exatamente de que forma iria acontecer, mas carreguei a certeza de que eu queria multiplicar: diários, trajetos, coordenadas, pensamentos, conhecimentos e, assim, disseminar em cada nova dobra de meus mapas, um olhar e uma escrita possível, crítica, subjetiva, poética e... Sim, científica! Para compreender tudo isso, basta ter em mente que a cartografia não possui um único meio de utilização bem como não se trata de um método fechado e com restrições. Cartografar é estar disposto (e disponível) às variações de caminhos. É necessário que o cartógrafo-artista-pesquisador seja um ser singular e universal. Quando passei a ser questionada a respeito dos dados, dos gráficos e resultados que legitimam e caracterizam uma pesquisa científica, tive um longo caminho até conseguir responder: eu não os coleto, eu os produzo!

Eu faço cartografia porque preciso de movimento! Preciso de atravessamentos e preciso atravessar! Meu estímulo e encantamento são pelo percurso, não pelo fim... Os fins me afetam, prefiro pensar em passagem e transformação. E, justamente, nestas passagens, crio/recrio novos mundos e

paisagens, ao atravessar e extravasar por novas fronteiras... Mais do que uma prática cartográfica, é uma prática de resistência, para existir, resistir e (re)existir neste e em todos os mundos.

O cartógrafo-artista-pesquisador: a magia da ciência com a arte do rigor

Uma cartógrafa-artista-pesquisadora que tem por sua função essencial “dar língua para afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2016, p. 23). Percebo a mim imergindo e emergindo em minhas intensidades, tempos e mundos utilizando tudo o que me serve para fundamentar e constituir minhas cartografias. Nós, cartógrafos, alimentamo-nos de nós e de tudo o que somos em pluralidade... Bem como de tudo o que nos consiste. Meu desejo é dar passagem, fazer passagem... Desejo, por meio do método cartográfico, ser a passagem de/entre tudo o que habita nos vãos e nos espaços. Em cada movimento (de corpo e de alma) desenho, recorto, colo, (re)construo paisagens, formas, mapas e realidades... Vividas e imaginárias! Eu, cartógrafa-artista-pesquisadora, humana demais, para ser exata!

Pensem nas possibilidades de pesquisarmos objetos que possuam caráter mais subjetivo e façam com que seu pesquisador extrapole a linha tênue entre o que lhe habita e o que ele percebe do mundo... Isso é habitar diferentes territórios! Aqueles não postos à mesa, mas que fazem jus à habitação de seus corações e almas para, desta forma, transformar para conhecer. Em cartografia, diferentemente dos métodos tradicionais, entendemos que não existe distanciamento entre pesquisador e objeto, ou seja, entre o curioso e a curiosidade. Não possuímos neutralidade, somos inteiros e somos plurais, sentimos e dividimos o que estudantes e estudados sentem. Não prezamos distâncias, prezamos afagos, inquietações e aproximações. Eu contigo, nós com o outro, o outro com o objeto e a linha que une a todos: somos um, somos “inteiradeiros” (inteiros e verdadeiros) e somos plurais.

A cartografia, por se tratar, de uma perspectiva não expectativa, não se trata de não haver rumo/direção na pesquisa, se trata, porém (e todavia) de uma trajetória que marca e demarca suas próprias metas. Traz, desta forma, novos significados e olhares para o rigor tão característico (e desejado) na pesquisa acadêmica científica.

Possuímos sim o rigor, temos pesquisa e embasamento, mas fazemos com criatividade, via imaginação criadora. Venha conosco, a caminhada é linda, talvez derradeira, mas será sempre plena... O intuito mesmo é o de sustentar e acolher uma abertura de pensamento sem pré-conceitos e preconceitos descabidos. Quando trabalho com cartografia, não estou trabalhando por trabalhar, sem regras ou rigor. Cartografia nos pede mais do que isso, cartografia nos pede que problematizemos formas de ser, formas de agir, formas de sentir, e, desta forma, a cartografia permite que nos reconheçamos.

A cartografia atravessa meu ser e, deste atravessamento, crio uma realidade que me desafia todo instante a pesquisar, modificar, transformar e movimentar. Ela possui numerosos acessos e me provoca a não somente escolher, mas pensar sobre qual/quais trajetos irei percorrer.

Encontros imaginários de um mapa em (re)construção

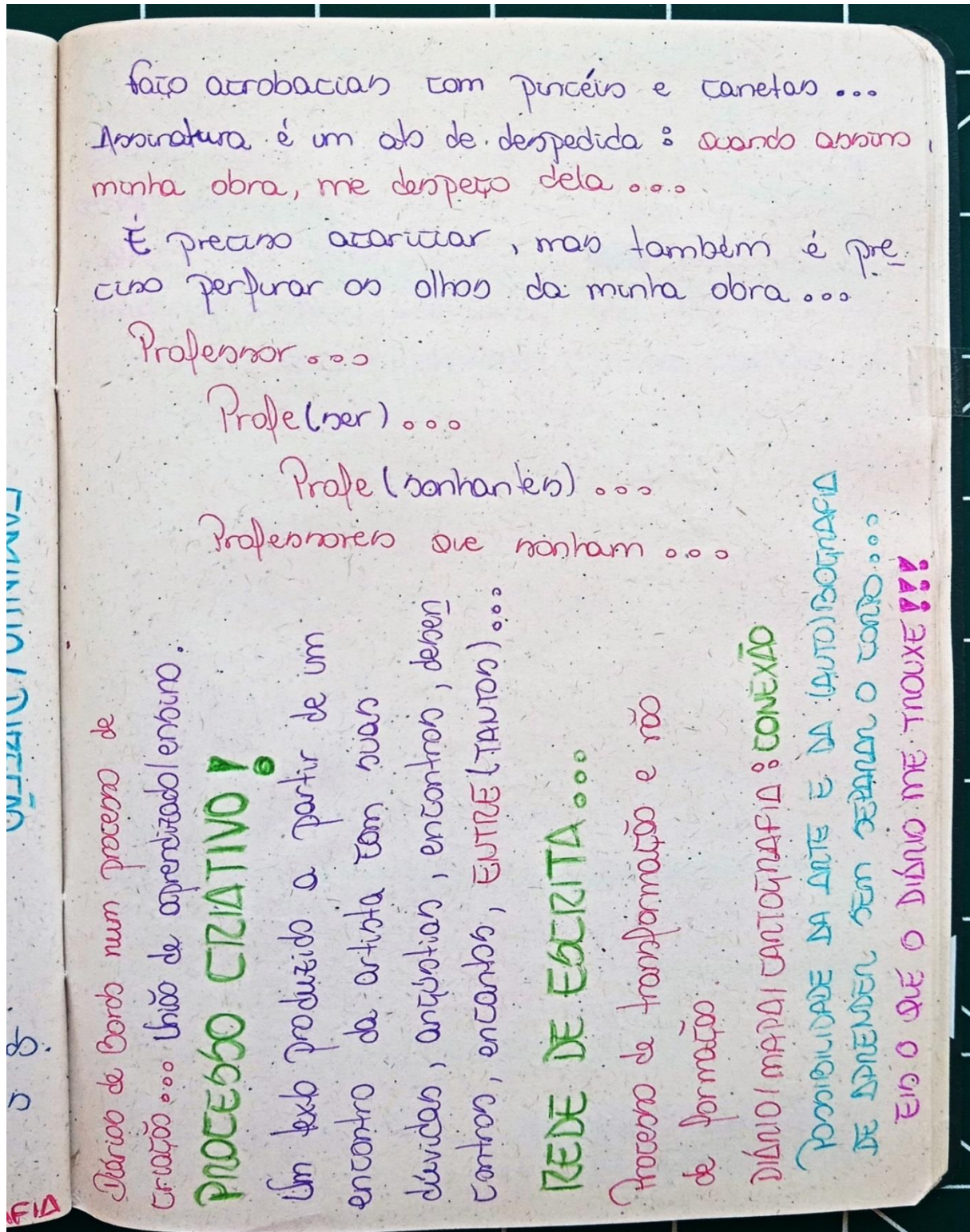
No momento em que olhei para meus diários e percebi, ao analisar seu conteúdo (Figura 6), que tudo aquilo constituía uma pesquisa científica, evidentemente eu haveria de buscar um embasamento contundente para dar início a esta expedição. Foi então que expandi meu mergulho... Ele passou a abarcar não apenas páginas escritas de alguns diários, mas também muitas e muitas páginas publicadas por autores que são meus maiores referenciais e inspirações, no entendimento de que

[...] a evidenciação do lugar da imaginação e de suas formas imaginárias durante a pesquisa-formação em história de vida só é possível quando a imaginação é situada entre as dimensões de nosso ser no mundo e é apresentada na sua articulação com as outras dimensões do nosso ser no mundo (Josso, 2009, p.119).

Esta etapa foi a que originou os encontros imaginários, pois em cada busca, cada anotação, cada citação, percebi que aquilo eram conversas, eram encontros,

era troca e era comunhão... Eram meus mestres contribuindo na construção desta pesquisa e na (re)construção de mim.

Figura 6 – Conversando com uma página que sonha



Que encontros são estes?

Entre páginas, citações, recortes e colagens foi o espaço que encontrei para percorrer acerca dos encontros imaginários que contribuíram para o meu atual momento de (re)construção, bem como de transformação. O que tem? O que traz? Por que compartilhar este momento de passo marcado em uma nova territorialidade?

Tenho nestes encontros imaginários, sublimes convidados para troca e dilatação de ideias. Como grandes e inspiradores anfitriões me deixo levar por Marie-Christine Josso e Walter Benjamin, ambos sabem bem como promover maravilhosos encontros. Entre outros convidados presentes, produzo e mergulho em meus atravessamentos, sonhos, devaneios, pesquisas sem fim e, juntos, fazemos um grande alinhavo na construção deste mapa que está sendo produzido em minha investigação.

O que vem sendo (re)construído a cada momento destas marcações é o fato de fazer a diferença no mundo e no ser humano. Eis um dos motivos de optar por uma pesquisa (auto)biográfica. Sou verbo, alma e coração, quero transbordar no mundo meus pensamentos e tormentos... Quero transbordar minha história e com ela, dizer que é possível fazer ciência poética, uma ciência com/em paz... A (paz)ciência!

Nesta grande celebração, com anfitriões, convidados e não convidados (porém com presenças marcantes), sigo ao verbo, ao dizer, ao diz(ser)... Sigo à próxima página em branco que está à espera dos relatos ansiosos por verbalização...

O que está em constante construção e/que transforma(a)ção

O que se modifica e o que está em constante transformação?

A pesquisadora, a artista, a cartógrafa, a nômade que constrói e reconstrói seus mapas. Eu enquanto pesquisadora e pesquisada me transformo a cada ação e essas ações transformam o caminhar.

Estar dentro de uma pesquisa que se movimenta e gera movimento é o que move cada um dos objetivos, significações e próximas andanças. Este é o cartografar e o pesquisar. Este é o tão desejado estimular: de escrita, de pensamento, de diálogo, de investigação, de encontro... Imaginário, real, racional, sonhador, mas todos extraordinários! Em transformação com a ação em mutação... E esta é a constante construção... Não apenas de um mapa, de um caminho, de uma pesquisa, de uma titulação, mas, todavia e tão importante quanto, a constante construção de identidade de quem produz esta investigação - a identidade do meu Ser-no-mundo:

Se o conceito de identidade é usado para definir as múltiplas dimensões do “Quem sou eu?” de maneira a situar a si mesmo e aos outros, através de um sistema de reconhecimento em uma coletividade e em relação às suas próprias transformações. Se, no entanto, este conceito é útil para descrever as múltiplas maneiras em que a própria ideia de identidade toma forma na vida humana a partir das suas filiações, suas solidariedades, suas atividades, seus laços simbólicos ou concretos e seu “ser-no-mundo”. E, finalmente, porque esse conceito sinaliza uma problemática que acompanha o curso da vida vivida em uma tensão permanente entre as transformações das limitações coletivas e a evolução dos sonhos, desejos e aspirações individuais. Desta maneira, então, a nossa abordagem experimental da formação deve ser vista sob em múltiplas facetas (Josso, 2016, p. 54).

Penso que como autora de minha obra, estas dimensões de “quem sou eu?” são identificadas a cada nova página preenchida (mesmo que de vazios e/ou silêncios) e a cada novo passo dado enquanto constituo aquele mapa de minha trajetória! Acredito que acima de escrever para ter uma dissertação ou mesmo um relatório de pesquisa, eu escrevo acima de tudo, pois, necessito de escritas, de escrituras, de escreteiras... Eu preciso de letras, palavras e paráfrases... Eu preciso transbordar nas linhas e entre elas...

De acordo com Ricoeur (1991), assim sendo, a nossa identidade nos é constituída a partir da narração de nossas próprias histórias! Aquelas que contamos de nós mesmos, nas quais nos convocamos, como autor, ao narrarmos nossa história e nos reinventarmos... Seja como autores, seja como protagonistas.

Durante este percurso, quero construir minha trajetória e deixar que o leitor faça suas associações e (re)significações. Não me dedico a explicar conceitos (e não, não é falta de rigor), apenas penso que devo mais, mais que seguir uma escola, quero transitar em tudo aquilo que me inspira, são estes os fragmentos diários dos meus diários, escolas, conceitos, pessoas, referências, porém, sempre... Sempre, meus intensos fragmentos de mim que transformam toda e qualquer ação.

O aporte, o recorte e o norte: os teóricos em prosa de teoria

Toda a vez em que levo o pensamento além e penso no singular-plural que me compõe enquanto pesquisadora, artista e sempre aprendiz da vida e do mundo, reflito acerca de como, quando e até que ponto esta narrativa que venho produzindo em meus diários produzirá conhecimento... E se assim o fizer, quais serão eles? De onde vêm e para onde vão? Como se constituem e de que maneira constituem meu existir/ser/estar no mundo? Nesse intento convoco

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (Benjamin, 2012, p. 221).

Benjamin me faz pensar, devanear, imergir e emergir em cada página de meus diários, em cada nova dobra de meus mapas alinhavados por teorias e pensamentos. E todos estes elementos fazem parte e formam a minha própria história, a minha própria (auto)biografia! É um encontro que me desestrutura para logo em seguida me reestruturar, me recriar e me fazer (re)existir! Isto é estar com Walter Benjamin e mergulhar em tudo o que há em sua bagagem!

Quando optei por fazer da minha história uma pesquisa, ou ainda, quando percebi em minha história um delineamento de pesquisa, estabeleci um diálogo diário e constante com minha trajetória, vivências e experiências. Foi iniciada a narração das mutações vividas ao longo da vida... Eis a metamorfose! Esta escrita me coloca cotidianamente em reflexões e inflexões... Em cada página dos meus diários percebo o tanto de mim que há ali e o tanto do mundo que está em mim. Trago em minhas páginas as verdades, doídas ou não, as memórias e tudo o que reverbera de mais intenso dentro do meu ser.

Trago para este alinhavo e marcação Josso (2002) com sua colocação de que com a escrita narrativa, o ser humano lida diretamente com as suas lembranças e recordações-referências.

Pergunto:

- Mas Josso, isto não causará dor?

Infelizmente ela não pode responder, mas em nosso encontro imaginário ousaria pensar em sua resposta: “tens medo da dor, minha cara?”.

O pensamento de Marie-Christine Josso é despertar sentidos e, desta forma, fazer com que o sujeito se incline em sua própria experiência. Chego então aos “momentos-charneira”, aqueles em que duelo comigo e sobre mim.

E assim,

Nesses momentos-charneira, o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo, ou o que mobilizou a si mesmo para se adaptar à mudança, evitá-la ou repetir-se na mudança. (Josso, 2014, p. 67).

Josso, dentro de minha investigação, transporta-me a todo instante aos saberes de si, ou seja, nestes saberes compreender a sensibilidade posta à mesa... Ou nas páginas dos meus diários. (Re)significar sentidos e (re)conhecer a mim, é estar aberta e não julgar a linguagem, o sentimento, o sentido nem o contexto. É me entender como um ser singular em uma composição integrada na pluralidade do ser e existir e descobrir toda a potencialidade existente nesta poética. Somos grandes, infinitos e inteiros... Dentro de nós! E também diversos!

Ao considerar a posição de Josso (2002), cabe apontar a questão de o imaginário ser de extrema importância por propiciar novas vertentes e possibilidades para que se interprete narrativas com suas histórias de vida. Relacionando este aspecto a uma construção (assim como uma interpretação) mais profunda a respeito dos fatos, dados e acontecimentos narrados, penso que se torna cabível a provocação por uma pesquisa que parte de um caderno o qual é transportado por onde quer que caminhemos. E este mesmo diário pode constituir uma base sólida de referência para futuros estudos.

Portanto, por tudo e por quanto encaminho estes diálogos lembrando que enquanto pesquisadora (e neste caso, também pesquisada) busco a mim e às dimensões do Ser na produção desta narrativa... Eis uma das artes do encontro: o processo de confiança interno e o pacto (auto)biográfico! Trabalho e produzo algo aberto às possibilidades e que jamais deixe de me inspirar... Sou verbo e sou campo aberto, aquilo que não cabe, inspiro, expiro e transbordo por cada passo que venho dar e compartilhar.

Uma ciência poiética

Uma pesquisa (auto)formação, bem como qualquer processo formativo, será sempre experiencial, criador e criativo. Sendo assim, uma pesquisa por este viés, acima de qualquer contexto, conceito e/ou definição, deve ser autoral. Não apenas autoral no sentido “eu que escrevi”, mas autoral no sentido “eu produzi, senti e respirei o que escrevi”... Produzi, mergulhei, experienciei e vivi cada linha e cada pontuação desta dissertação. Tornamo-nos uma e nos tornamos única, não nos separamos nem nos distanciamos. Vivemos o processo sublime de autoria... De ser a autora. De escrever e tornar essa escrita um processo de estudo. Um estudo que se transforma, que cria e recria-se (a si mesmo)... Mais que uma poética, uma poiética... A autopoiesis...

Isso leva o indivíduo a compor uma visão imaginária de si mesmo. E é precisamente esse caráter, simultaneamente autêntico e

imaginário, que surge da articulação “poiética” de um sentido retrospectivamente construído e de uma busca, que me parece justificar o interesse em nos inspirarmos na experiência dos artistas para nos ajudarem a “pensar o sensível na formação”, os elos entre herança cultural e singularidade criadora na pluralidade de interpretações oferecidas por todas as vias do conhecimento (Josso, 2004, p. 263).

Para seguir percorrendo acerca desta ciência poiética, de criação e (auto)formação, questiono: que lugar eu habito na minha dissertação?

Vos convido a entrar... Conhecer... Perceber... Cada vão e cada espaço... Em branco e/ou já preenchido... A habitação completa dos espaços vazios... Ou, aqueles até então não vistos!

Da poiesis à (paz)ciência

Quando penso em tudo o que fiz até aqui, em tempo cronológico, conclusão do curso de Mestrado após dois anos do seu início, em “tempo de sumário”, últimos itens propostos, acredito que tanto escrevi em diários quanto pensei em momentos após momentos: a academia e a ciência são espaços e meios de aprendizagem e transformação, é paradoxal demais pensar que este momento comporta dureza! São elementos que funcionam como dois corpos: não podem ocupar o mesmo lugar no espaço!

Ora... Se há sentimento, emoção, poesia, arte, subjetividade, escrita, diários... Há de em algum momento haver paz. Pois tudo o que foi citado, ao passo em que transborda como fluído de dentro do ser humano, esvazia, renova e traz paz... Uma paz aguardada e (re)significada... Uma paz contemplativa, explicativa, vívida e vivida... A paz alcançada com paciência dentro da ciência... A (paz)ciência!

No momento em que olho para tudo isso, eu mesma me questiono: quanto foi preciso? Em muitos momentos, em tempo e em contratempo, pensei: Deixa disso, é apenas um barco passando na estrada de terra! Não te cansa!

Mas era impossível, eu simplesmente não poderia (nem conseguiria) engavetar (mais uma vez) meus diários... Eles eram do mundo, pois guardavam

muito do mundo, da vida, dos erros, dos desafios, dos acertos, dos amores, dos temores e dos lugares para se chegar!

Resolvi deixar o barco fluir, pela estrada ou água que fosse, somos marujos e daremos conta! Para isso, que passado eu precisei vencer? Como eu me transformei na minha vida? Como eu me tornei o que sou?

Calma, não foi atingido nenhum estado de iluminação, apenas olhei com o coração para tudo o que eu queria fazer... E a ciência se transformou desde então!

Uma (cria)atividade em constante (re)significação

Escutar que uma pesquisa de mestrado deve ser original me remete ao fato de que não há a possibilidade de construirmos algo fora da originalidade e ineditismo... Pois nossa vida não é repetição! No momento em que exponho minhas fragilidades e me permito ser abraçada (no lugar de sucumbida) por isso, entendo que há de existir empatia e acolhimento na escuta. Dois pontos importantes na pesquisa (auto)biográfica: o existir e o acolher! Entendo que a pesquisa (Auto)Biográfica pode (em certo ponto) não ser libertadora, mas ela libera o caminho no qual quero me libertar e existir.

O caminhar para si é caminhar para o mundo e é caminhar para o outro... Faço essa caminhada entre seres e entre páginas, nas linhas e entrelinhas... Uma (auto)biografia em movimento constituída por uma (auto)formação em constante desenvolvimento.

Nem pronto, nem concluído, nem com certezas, nem com arrogâncias, nem com relatos de proezas, apenas minha máxima: quero sempre criar, significar, olhar novamente e (re)significar... Este processo há e haverá com certeza! Criar atividades com atividades criadoras, uma (cria)atividade...

Após todos as questões abordadas e discutidas até aqui, após todas as conversas (uni)versais em versos com meus referenciais, após todas as reflexões e desdobramentos... Após tantos espaços que habitei e os quais me fizeram transitar por novos campos de conhecimento... Após todo o passo a passo no qual imergi para vivenciar meu processo de produção, é chegado o momento de apresentar, nesta pesquisa, este processo tão íntimo, solitário, silencioso e, ao mesmo tempo,

produzido em conjunto tanto com as dimensões que constituem meu ser quanto com o burburinho de todos os meus eus que habitam em mim.

**Estrutura do Ser:
como este ser pesquisador e pesquisado se constituiu até aqui?**

Ao olhar para meus diários, vejo uma escrita constante, uma escrita de tudo aquilo que me atravessa, me constitui, me estrutura... Eis a escrita diária dos meus diários.

E o que farei com isso?

O que esta escrita representa (e representará) dentro da academia?

Qual a potência destas escritas dentro do contexto científico?

Questões a serem respondidas e respostas a serem pesquisadas.

Para isso darei início utilizando o que Josso (2016) nos apresenta: as dimensões do Ser-no-mundo.

Desta forma que trabalharei com a análise desta pesquisa, com as dimensões e estrutura deste ser, deste singular-plural, deste ser de imaginação, deste ser que perpassa por todas as páginas dos meus diários, bem como, por todas as páginas desta pesquisa. Quando penso em uma produção autobiográfica para uma pesquisa, não há como não perceber que a imaginação criadora é uma explícita fonte desta construção. A reconstrução de fatos reais, de acordo com Josso (2009, p. 119), são “lembranças interpretadas em função do momento presente e de perspectivas futuras”. Outra característica importante em uma pesquisa (auto)biográfica é a questão de identidade, autoria, apropriação. O olhar, ler e perceber a si. Perceber que estou ali, que aquela história, que aquela trajetória, que aquela caminhada cheia de descobertas são minhas. Tão forte quanto um documento oficial de Registro Geral (RG)⁵, é também a minha existencialidade

⁵ A Carteira de Identidade é um documento oficial de identificação que contém nome, data de nascimento, filiação, impressão digital e fotografia. Tem validade em todo o território nacional e é expedida para Brasileiros Natos, Naturalizados e os Portugueses que possuam Igualdade de Direitos.

Fonte: <https://www.gov.br/pt-br/servicos-estaduais/obter-informacoes-sobre-carteira-de-identidade-ou-registro-geral-rg>

dentro da criação, pois em um documento sou apenas um nome, um número e alguns dados pessoais. Em minha existencialidade sou o espaço que habito no mundo, sou os versos que compõem minha narrativa, sou a essência e a permanência em mim... E isso é, para meu ser, o essencial na vida!

Por isso, portanto e por tanto:

Trabalhar as questões identitárias, expressões da nossa existencialidade, por meio da análise e interpretação da narrativa de vida escrita, permite realçar a pluralidade, a fragilidade e o movimento de nossas identidades ao longo da vida. As descobertas que desafiam a representação convencional de uma identidade que seria definível, em um dado momento, graças à sua estabilidade conquistada, assim como uma identidade que se desconstruía pelo jogo dos movimentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais. A essas constatações, portanto, é adicionada a percepção de que a questão identitária deve ser concebida como um processo permanente de identificação ou diferenciação e de autodefinição, por meio da nossa identidade evolutiva, uma das emergências socioculturais visíveis da existencialidade (Josso, 2016, p. 47).

Assim como exposto por Josso, é por meio desta escrita que narro a história da minha vida. Nesta narrativa percebo minha identidade e minha existencialidade. Percebo o ser singular-plural e como me constituo a cada novo passo, bem como quando acesso minhas memórias, experiências e vivências.

A escolha por utilizar esta análise aqui na pesquisa, inicialmente se deu pelo desejo de encontrar algo que fosse condizente com o tema abordado. E isto ocorreu neste estudo das dimensões do Ser, proposto por Marie-Christine Josso, uma das mais influentes referências utilizadas em minha trajetória em outros momentos. Outro importante fator que contribuiu para esta escolha foi a clareza em compreender que, por mais subjetiva, poética, artística e criativa que seja uma pesquisa, há de se ter uma análise do que foi construído, bem como o embasamento teórico. E Josso – com sua potente teoria e encantadora existência terrena – abrange fortemente estes dois aspectos em meu percurso. Pensar estas múltiplas faces e dimensões do ser se tornou uma abordagem de análise que fortemente contribui para estabelecer a questão de identidade, autoria e criação. Elementos que evidencio deste o princípio como importantes panoramas que devem

constar em uma pesquisa e em uma escrita. Unido a isto, esta forma de análise me permite tomar consciência de diferentes dimensões do meu ser e da minha existencialidade... Do meu ser(e estar)-no-mundo.

Em uma narrativa é possível perceber características importantes que detalham tanto o ser narrador quanto o ser protagonista da história. Estes traços aparecem seja pela linguagem utilizada, seja pela forma estrutural escolhida, seja pelos passos caminantes do sujeito, seja pelas memórias trazidas ao presente entre tantas outras que vou identificando passo após passo, leitura após leitura, escrita após escrita. O sujeito se transforma e se reinventa a cada instante e, quem o lê, é provocado a transformar-se em seu verdadeiro ser e/ou ir ao encontro de quem ele foi (ou que ficou guardado) em outro momento de sua história.

Atravessar e ser atravessada por essas memórias e percepções e, me entregar às dimensões do ser que venham a se apresentar em momentos distintos da minha vida, me permite estar consciente de que sou (e sempre serei) sujeito da minha história!

Tenho, pois,

[...] a consciência de ser (ativamente ou passivamente) sujeito da própria história, mediante todos os ajustes que foi preciso fazer, permite ter a medida do que está em jogo em toda a formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser e vir-a-ser e sua objetivação nas formas socioculturais visadas, as que já existem ou as que ele tiver que imaginar (por exemplo, famílias recompostas) (Josso, 2016, p. 54).

Trabalhar em uma pesquisa (auto)biográfica contribuiu para que uma identidade fosse (re)construída e até mesmo descoberta. Ao ler meus diários percebo que estou lendo a mim, que estou percebendo a mim e o tanto que a história de vida, a história da minha vida interfere diretamente no que estou caminhando para me tornar, existir e (re)existir. Uma pesquisa ganha vida ao passo em que um novo passo é dado... E essa vida pode ser enigmática, provocante, intrigante. Pesquisar é o ato de arriscar, criar, experimentar, permitir-se sair do caminho e seguir. Voltar se preciso for, mas sem deixar de explorar toda e qualquer dimensão. Pesquisar é se libertar! Libertar escritos, sentimentos, pensamentos,

libertar a si, para si, por si... É libertar dimensões... Do ser... Do singular... Do plural... Do (re)existir!

Ao pensar em minhas criações e escrita penso em pluralidade, em multiplicidade... Elas podem ser tantas coisas ou mesmo coisa nenhuma... Dependerá das interpretações que cada observador dará. E a cada interpretação haverá a invenção de uma nova (re)significação. Significados, significações, singular, plural, dimensões... Do ser... Dimensionado e transformado.

Para elucidar as dimensões que utilizarei para realizar a análise desta investigação, farei uso da representação gráfica (Figura 7) apresentada pela própria autora. A seguir, exibirei as características de cada uma das dimensões do Ser, que Ser é esse e o que o constitui.

Na parte final, para conclusão deste capítulo, mergulharei dentro de meus diários, revisitarei cada uma das dimensões do Ser que habitaram e percorreram minhas páginas. Será possível identificar, desta forma, qual/quais as dimensões do meu SER-NO-MUNDO e como constituíram minhas memórias revisitadas, meu ser presente e, logo, esta pesquisa em si.

Figura 7 – Representação gráfica (completa) das dimensões do Ser



Fonte: Representação gráfica exposta por Marie-Christine Josso no texto “Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial”, 2016, p. 61.

No eixo central da representação, encontro o essencial do SER-NO-MUNDO: o Ser de carne e o Ser de atenção consciente.

Mas o que são estas dimensões do Ser e quais as suas características?

Vejamos, o Ser de carne, de acordo com Josso, é a base, suporte, habitáculo, é o Ser que permite o desdobramento dos outros (meus e seus) seres característicos. Por meio da dimensão do Ser de carne é que se dá a ligação com as “dimensões químicas, psíquicas e energéticas de nosso Universo” (Josso, 2016, p.55).

Desta forma, por essa ligação, firmamos laço entre o ecossistema terrestre (pertencimento biológico com o reino animal) e com o Universo. Estando este Ser de carne relacionado às dimensões químicas, físicas e energéticas... Como que as nossas lembranças experienciais, aquelas reconstruções de fatos reais que faço cada vez que revisito as páginas de meus diários podem ser relatadas/apresentadas no momento presente? Será que ficam apenas no relato verbal ou um elemento físico/energético também se fazem presentes? Para pensar acerca destas questões me volto ao Ser de atenção consciente...

Ao perceber o Ser de atenção consciente, se trata de um Ser indispensável ao nosso existir e ser no mundo.

Mas por quê?

Porque é este Ser que nos mantém em transformação. É com este Ser que nos desenvolvemos e, portanto, sem ele não há condição de construir um conhecimento de si. Enquanto estamos em desatenção, estamos frágeis quanto à nossa própria sobrevivência. Há de se estar atento! De que maneira nós, estando unidos a ele, nos fazemos presente no momento agora? Tomo como exemplo as chaves esquecidas... Que se não lembramos aonde colocamos, é porque não estávamos verdadeiramente presentes naquele momento. Isso é consciente ou inconsciente? Pode ser os dois... Mas como nos tornamos (ou reencontramos) o nosso ser de atenção consciente? Por estes pontos expostos aqui, saliento que o “ser de atenção consciente está no coração de nosso ser-no-mundo” (Josso, 2016, p.57).

Devido a isso, também se encontra no eixo central da representação gráfica apresentada anteriormente.

Encontro neste momento com o Ser de ação, aquele que me coloca em movimento e aciona todas as demais dimensões. Olhando para meus diários eu

penso: eu permito o meu ser de ação agir? Eu me coloco neste movimento? Ou posso pensar em um ser de não-atenção inconsciente?

Tenho sentimentos... Sejam eles bons ou não, mas os tenho! Sinto no dia a dia... Eles se manifestam pelo meu corpo por minhas expressões, por meu olhar, por meu tom de voz, eles se manifestam física e energeticamente.

O que é isso?

Ora... É o Ser de sensibilidades que está em ação!

Sentimentos geram emoções! Sentimentos e emoções constroem (ou destroem) laços... Por esta ligação e proximidade trago para a conversa o Ser de afetividade e o Ser das emoções.

Preparem-se... A história é linda!

Era uma vez um Ser de afetividade... Este Ser era mágico... Possuía magia em seu interior, desta forma, ele podia ter mais de uma forma... Podia se apresentar como ser dos apegos, ser delirante, ser dos ideais (maravilhoso), ser dos compromissos, ser dos sentimentos, ser da vontade, ser da perseverança... Um Ser de tantos seres! Este múltiplo Ser encontrou o Ser das emoções... Ou devo dizer que o Ser das emoções está, automaticamente, impregnado em todos estes seres que se desdobram a partir do Ser de afetividade?

Difícil dizer, não é mesmo?

É complexo...

É profundo...

Em que ponto um começa?

Em que ponto outro termina?

Há uma linha muito tênue entre ambos... Esta linha por vezes a percebo reta, por vezes sinuosa, por vezes apática, por vezes reverberante... Esta linha por vezes tantas coisas e por vezes coisas tantas... Nunca coisa nenhuma! Esta linha que sempre que quiser, será laço. E por mais que queira (se em algum momento quiser), jamais será nó.

Ser de afetividade e Ser de emoção se entrelaçam e se aproximam de tantos outros. Suas caminhadas são conjuntas e conjuntamente habitam o conjunto dos seres que encontro, nas linhas e entrelinhas, das páginas dos meus diários.

E foi assim...

Eles (e eu) vivem/vivemos felizes para sempre...

A partir daqui voltamos ao começo/final: vivermos em pesquisa para sempre!

Já o Ser de cognição não se trata de ser um ser racional, mas, de certa forma, um ser racionalizante. É ele o responsável por produzir uma representação ou mesmo um sentido. Isso se dá seja por uma aquisição da linguagem, por estratégias de conhecimentos ou mesmo pelo desenvolvimento de múltiplas inteligências. Na linguagem dos *Diálogos Diários*, ousa dizer que o Ser de cognição é o que me traz de volta à Terra quando estou pairando no Universo.

Parem tudo o que estão fazendo...

Soltem suas canetas...

Respirem fundo...

Soltem os cintos...

Contemplem...

Mergulhem...

Voem...

Descubram...

Criem...

Escutem... Atenta e sensivelmente...

É hora do Ser de imaginação!

Outros olhares do outro, de si e do mundo. Outras perspectivas. Outros desdobramentos. Outras linguagens. Outras percepções. Outras sensibilidades. Outras vozes. Outros corpos. Outros mundos. Outros planos. Outras criações. Outros “outros” e outros além...

Este é o Ser de imaginação.

O Ser que dará corpo ao sonho...

O Ser presente na criação artística...

O Ser da intuição...

É este Ser que encontro em cada página ao percebê-la como pesquisa, como escrita, como obra de arte. É este ser que atravessa a mim e potencializa este estudo. E é tanto na vivência quanto na experiência que, unida à teoria, coloco em prática a inventividade da criação. Eis o Ser de imaginação.

Utilizar minhas narrações expostas nos diários para estas análises do Ser foi a maneira encontrada para dar corpo e sentido tanto à esta pesquisa quanto à minha própria existencialidade. Elas dão forma à pesquisa (auto)formação que trago no decorrer destas páginas dissertativas, e também, múltiplas significâncias ao

singular-plural (inspirada por Marie-Christine Josso) ora criativo, ora racionalizante, ora inventivo e toda hora e sempre, caminhante e pensante...

Pois bem... Mas o que tudo isso, de fato, contribui e/ou contribuirá para o campo da ciência, para o campo científico, para a Universidade, para o processo formativo?

Sinto-me honrada em ter a resposta nas palavras de Josso:

Os lugares educativos, sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma perspectiva de formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações a respeito da formação e dos diplomas referem-se, tanto a problemáticas de *posicionamento* na sua vida quotidiana e na sua ação em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à *compreensão* da natureza dessas próprias mutações (Josso, 2007, p. 414).

Pesquisar dentro desta temática das dimensões do Ser e do singular-plural é trabalhar sobre minha existencialidade no Universo... E neste (uni)verso... Verso que me une a Marie-Christine⁶, mergulho fundo em minhas questões de identidade (para si e para o outro).

Ao fazer uso desta análise, não desejo a ruptura ou subversão, mas sim a continuidade, diferenciação e transformação dentro de um campo potente e criador, como a Educação!

Refletir sobre este processo (auto)formativo a partir de narrativas tão profundas e pessoais, me permite analisar o tanto que senti, o tanto que me emocionei, o tanto que me sensibilizei, o tanto que me apaixonei, o tanto que signifiquei e (re)signifiquei, o tanto que existi, resisti e (re)existo... E nesta existencialidade (descoberta e vivida), cada tanto destes tantos trouxe encanto ao relacionar, aproximar e unificar às dimensões do Ser.

Já se sabe, conforme apresentado aqui, que o Ser de carne é aquele Ser que é casa para todos os outros Seres. Ele é lugar para que outros possam existir... Ele

⁶ Ouso mencionar, neste ponto, Marie-Christine Josso, minha maior referência nesta pesquisa, apenas como Marie-Christine, pois esta autora, em minha investigação se tornou mais do que citações e bibliografia. A autora foi a base, o fundamento e, ao me debruçar sobre sua teoria das dimensões do Ser, foi inspiração, habitáculo, energia e poesia... Eis o motivo de chama-la "Marie-Christine": em nossos diálogos, sua presença é tão próxima e tão intensa que nos unimos em verso, neste (Uni)verso.

é habitáculo... De existências e de essências... De corpo e de espírito... De percepção e de energia... O Ser de carne é meu existir, são minhas feições, são minhas características, são meus passos e meus traços. O Ser de carne sou eu... Eu na forma física, psíquica e energética, eu na terra, eu na Terra, eu no espaço, eu no Universo...

Faço um convite à partilha desta primeira análise realizada nas páginas dos diários⁷ (Figura 8) (Figura 9) (Figura 10) (Figura 11) (Figura 12). Em três páginas do diário escolhido para a investigação, encontrei o ser que me coloca no mundo, o ser que me permite estar aqui dando forma a este estudo e abrigo a todas as outras dimensões do Ser apresentadas a seguir!

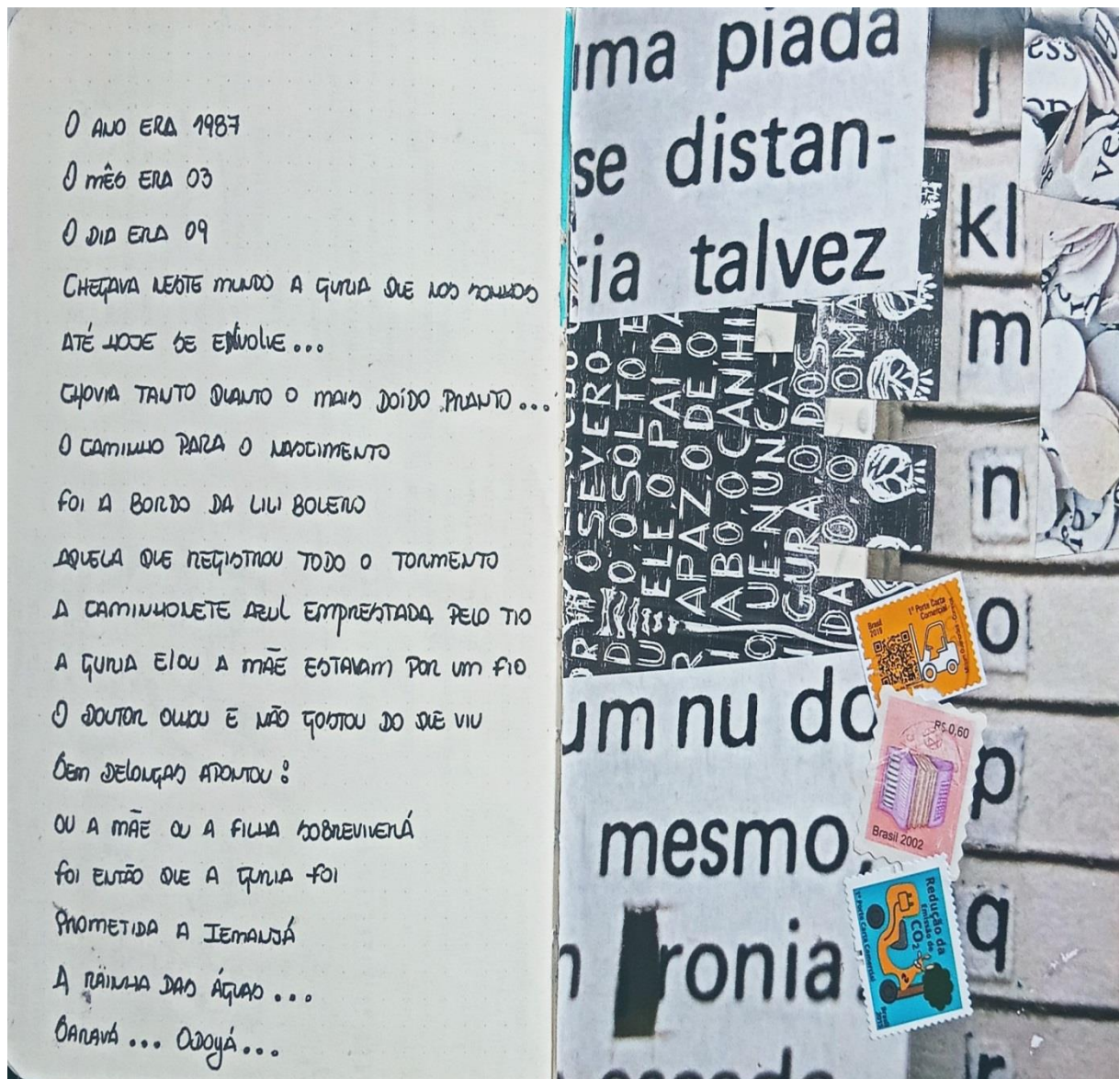
Figura 8 – Dimensão do Ser identificada: Ser de carne



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

⁷ Caro leitor (a)... A partir deste momento do texto, faço um convite: falei sobre mapas, sobre desdobramentos, sobre caminhos... Falei sobre tudo o que gera fluidez. Para dar continuidade a este movimento, vos convido a entrar nas páginas destes diários, a entrar e perceber cada imagem e cada texto juntos, a fazermos esta leitura conjunta. É um convite para tornar esta leitura uma experiência... Sentindo e percebendo cada linha e como a mesma se complementa com a imagem... E vice-versa! Façamos este movimento fluido e contínuo... Venham juntos para que façamos desta leitura uma dança, a dança das Dimensões!

Figura 9 – Dimensão do Ser identificada: Ser de carne
(texto e imagem completos)



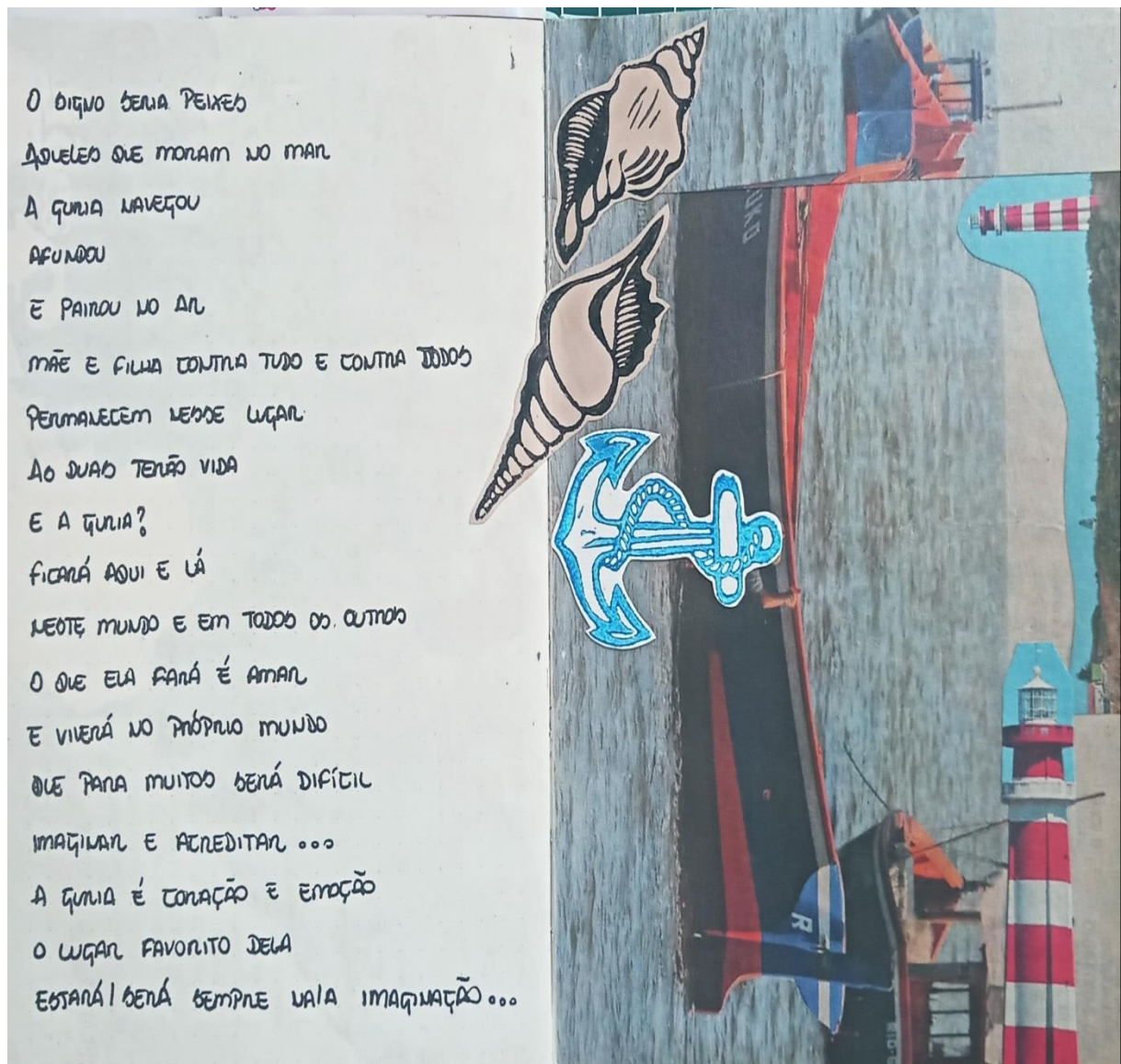
Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 10 – Dimensão do Ser identificada: Ser de carne
(detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 9))

O ANO ERA 1987
 O MÊS ERA 03
 O DIA ERA 09
 CHEGAVA NESTE MUNDO A GUINIA QUE NOS TONDOU
 ATÉ HOJE SE ENVOLVE...
 CHOVIA TANTO QUANTO O MAIS DOÍDO PRANTO...
 O CAMINHADO PARA O NASCIMENTO
 FOI A BORDO DA LILI BOLEIRO
 AQUELA QUE REGISTROU TODO O TORMENTO
 A CAMINHOLETE AZUL EMPRESTADA PELO TIO
 A GUINIA E LOU A MÃE ESTAVAM POR UM FIO
 O DOUTOR OUBO E NÃO TOSTOU DO QUE VIU
 SEM DELONGAS ATONTOU:
 OU A MÃE OU A FILHA SOBREVIVERÁ
 FOI ENTÃO QUE A GUINIA FOI
 PROMETIDA A IEMANJÁ
 A RAÍZHA DAS ÁGUAS...
 OARAVÁ... ODOYÁ...

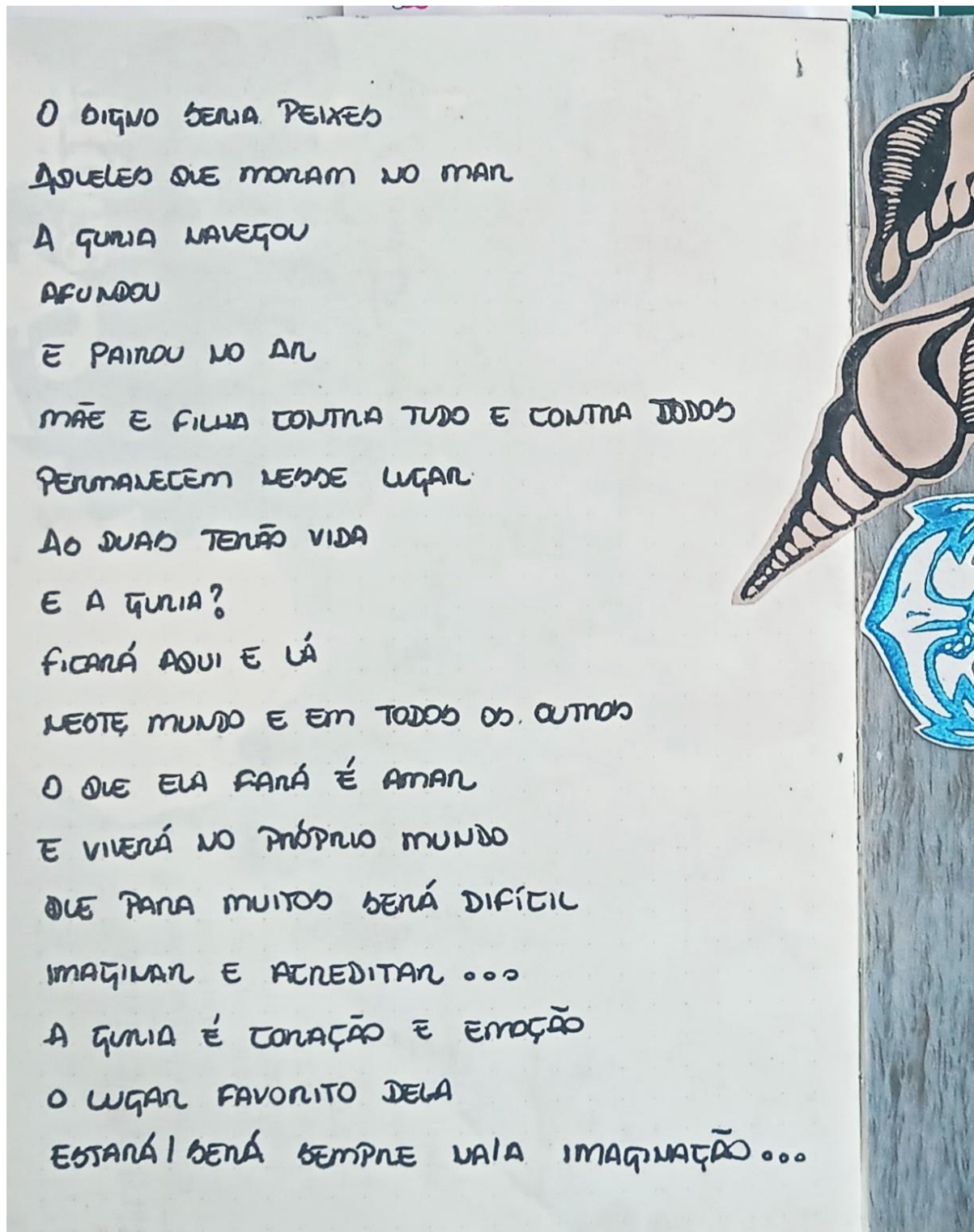
Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 11 – Dimensão do Ser identificada: Ser de carne
(texto e imagem completos)



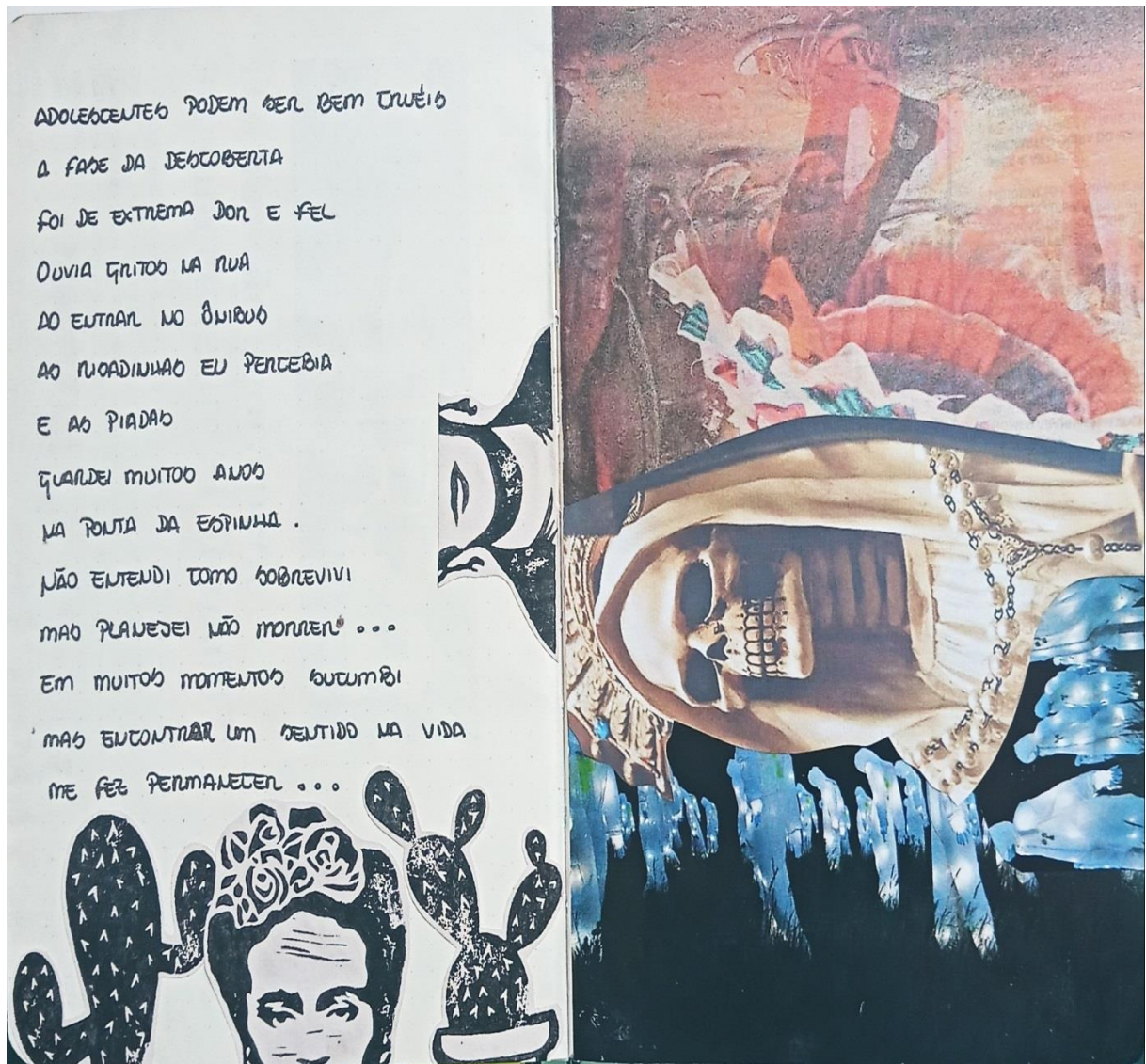
Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 12 – Dimensão do Ser identificada: Ser de carne
(detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 11))



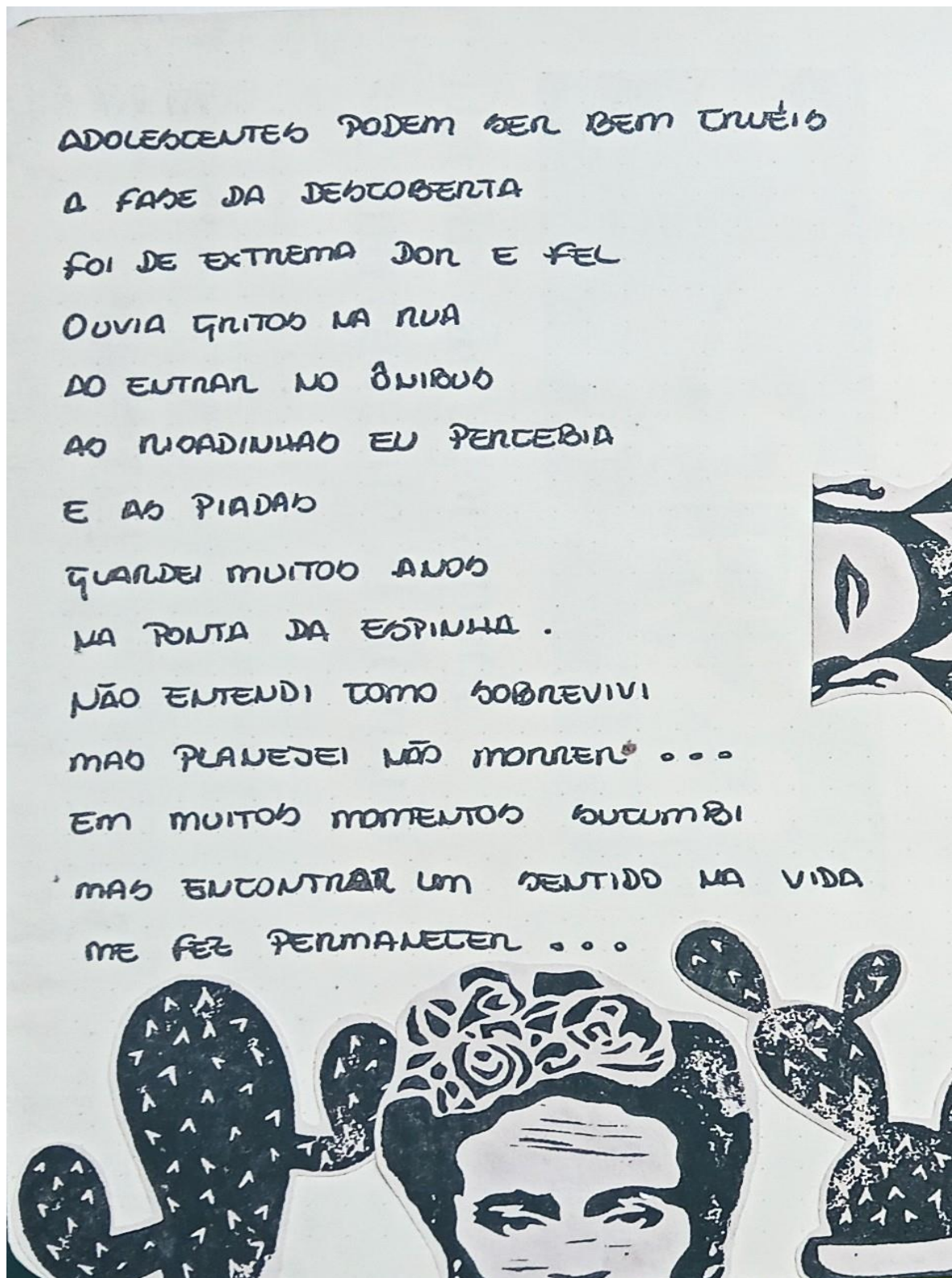
Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 13 – Dimensão do Ser identificada: Ser de carne e Ser de sensibilidades (texto e imagem completos)



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 14 – Dimensão do Ser identificada: Ser de carne e Ser de sensibilidades (detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 13))



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

O registro, de onde vim, quando e como...

A energia, a espiritualidade, a promessa...

Os dilemas, os conflitos, os medos, o que senti no corpo, na mente, na pele e na alma...

O Ser de carne nos primeiros anos e nas primeiras páginas de minha existência terrena e diária dentro dos meus diários.

Eis que avisto o Ser de sensibilidades entre meus textos e imagens, este Ser está bastante próximo do Ser de carne, pois, segundo Josso (2007, p. 427) “dele se exprimem todos os sentimentos “agradáveis” ou “desagradáveis” que vivemos no cotidiano, em ligação direta com as sensações corporais que se exprimem em todas as nossas atividades com nós-mesmo e com os outros.” Por este motivo, encontro, inclusive, uma página na qual ambos estão presentes (Figura 13) (Figura 14). Isto se dá pelo fato de ter encontrado, de acordo com o texto apresentado na imagem, toda a angústia em “ser diferente do padrão comum” na fase mais cruel e também a de muitas descobertas: a adolescência (Figura 15). Foi o momento em que as dores vieram à tona e, ao mesmo tempo, foram estas dores que me deram a força necessária para prosseguir. Passei por julgamentos e apontamentos, a minha percepção de mundo e do outro não tinha cor nem alegrias, eram lágrimas e reações angustiantes. Tomar consciência de que deveria lidar com minha sensibilidade aflorada para seguir meu caminho foi o que me colocou em movimento. Fez-me perceber que se eu não poderia (e nunca poderei) mudar o outro, devo mudar a mim para assim seguir e, mais enfaticamente que nunca, emergir para (re)existir!

Figura 15 – Dimensão do Ser identificada: Ser de sensibilidades



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Do pavor das ruas ao tormento da tia, autoridade do pai e silêncio ensurdecedor da mãe... (Figura 16) (Figura 17)

Será mesmo que desistiria por tão pouco?

Ainda bem que não... Ou esta pesquisa (auto)biográfica não estaria me carregando pela mão...

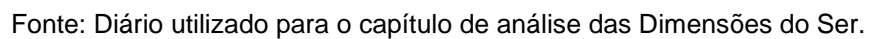
E não era pouco não, mas era o olho do furacão que espalharia as páginas dos meus diários por este mundão!

Sigo folheando, caminhando e rememorando... Mais uma folha, mais tantas escritas, outros tantos momentos, outras tantas marcações... A memória ativada e a narração partilhada!

Figura 16 – Dimensão do Ser identificada: Ser de sensibilidades



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.



Ser de emoções se apresentando...

Neste ponto faço mais um alinhavo com esta linha que é do tempo e também do espaço, é a linha que costura e também a linha que descortina, é a linha guia da trajetória que se alinha. Percebo então a aproximação entre o Ser de emoções e o Ser de sensibilidades (mais uma vez, dois Seres aparecem juntos em uma mesma página) (Figura 17).

O Ser de emoções se aproxima do Ser de sensibilidades na questão do sentir. Mas qual a diferença? Explico em uma única frase: o Ser de sensibilidades sente, internaliza, enquanto o Ser de emoções responde, externaliza, embora nunca deixe de sentir. E este externar pode até mesmo, ser respondido de forma física e/ou corporal. É uma dimensão de estado desperto.

Uma questão importante relacionada ao Ser de emoções é que o estado emocional do ser pode interferir diretamente nas relações com o outro. E, ainda mais importante, é um estado (ainda) pouco explorado em projetos educativos (sociais e parentais), bem como a existencialidade sensível. Ou seja, uma importante relevância nesta pesquisa, afinal, o que seria deste estudo sem todas as análises e exposições destas dimensões do Ser que me constituem?

Não haveria... Seria apenas mais um relato que nem na Arte, nem na Educação, agregaria.

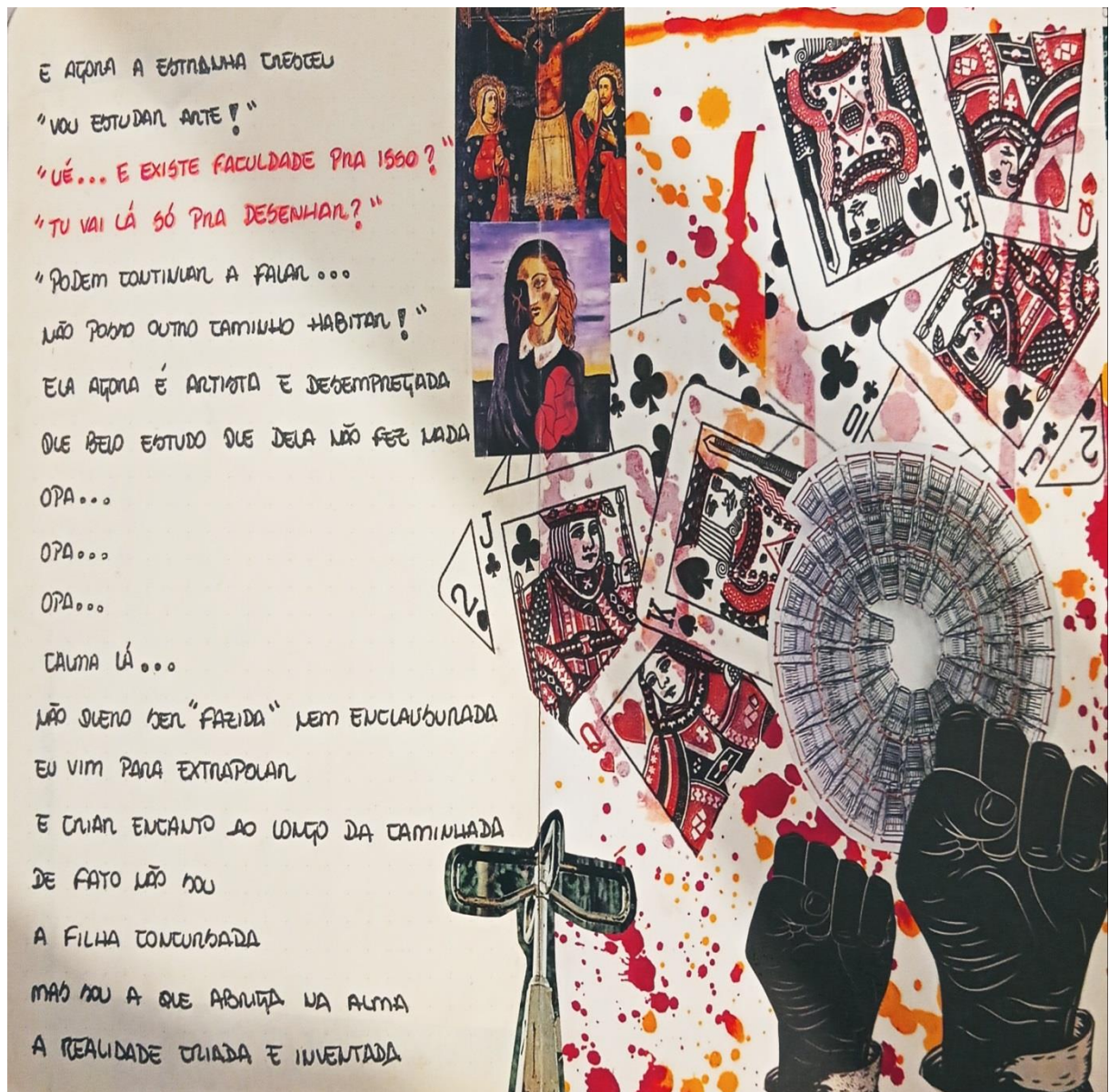
E agora? O Ser de emoções colocou tudo para fora... (Figura 19) (Figura 20) (Figura 21)

Figura 19 – Dimensão do Ser identificada: Ser de emoções



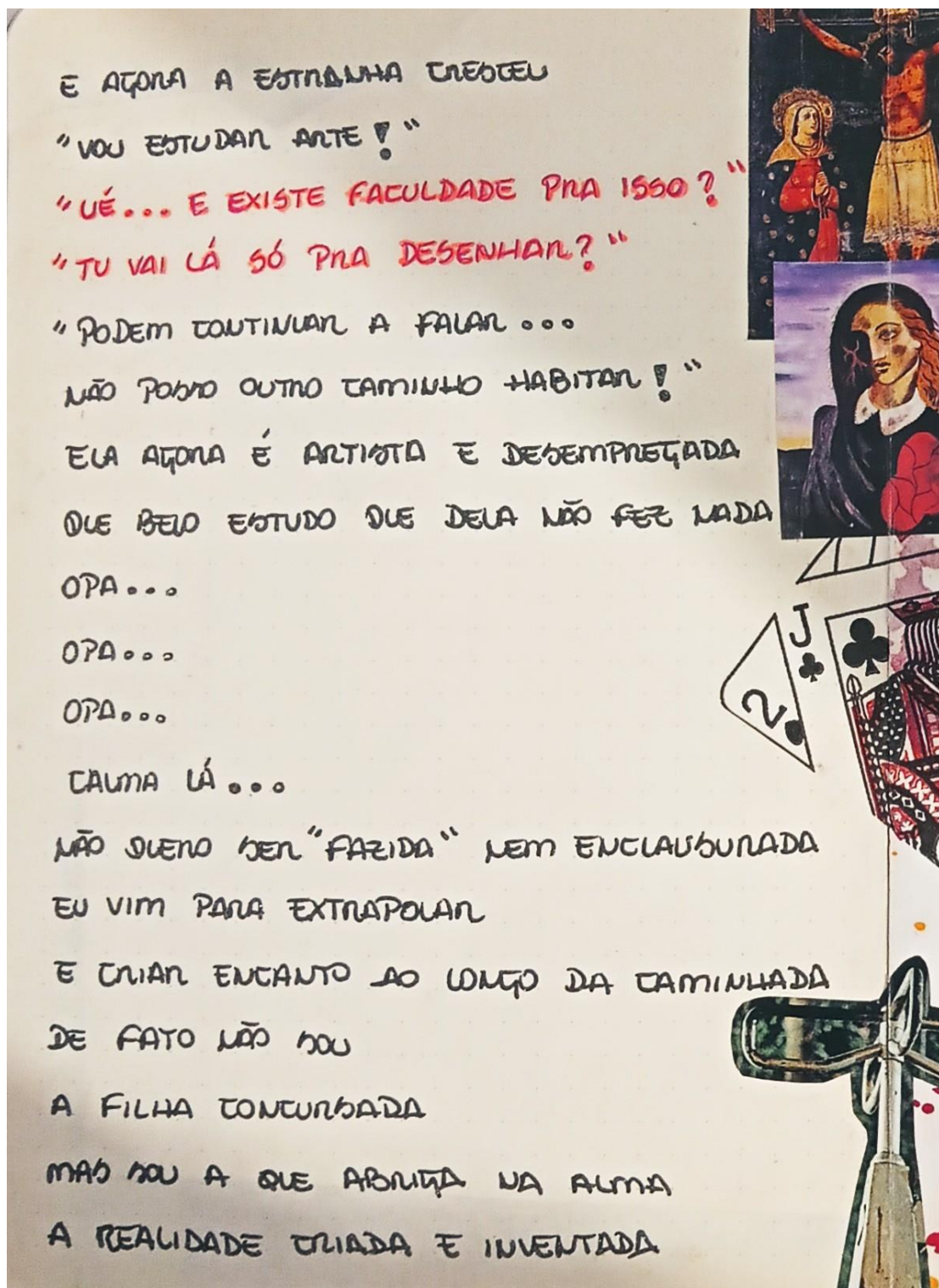
Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 20 – Dimensão do Ser identificada: Ser de emoções
(texto e imagem completos)



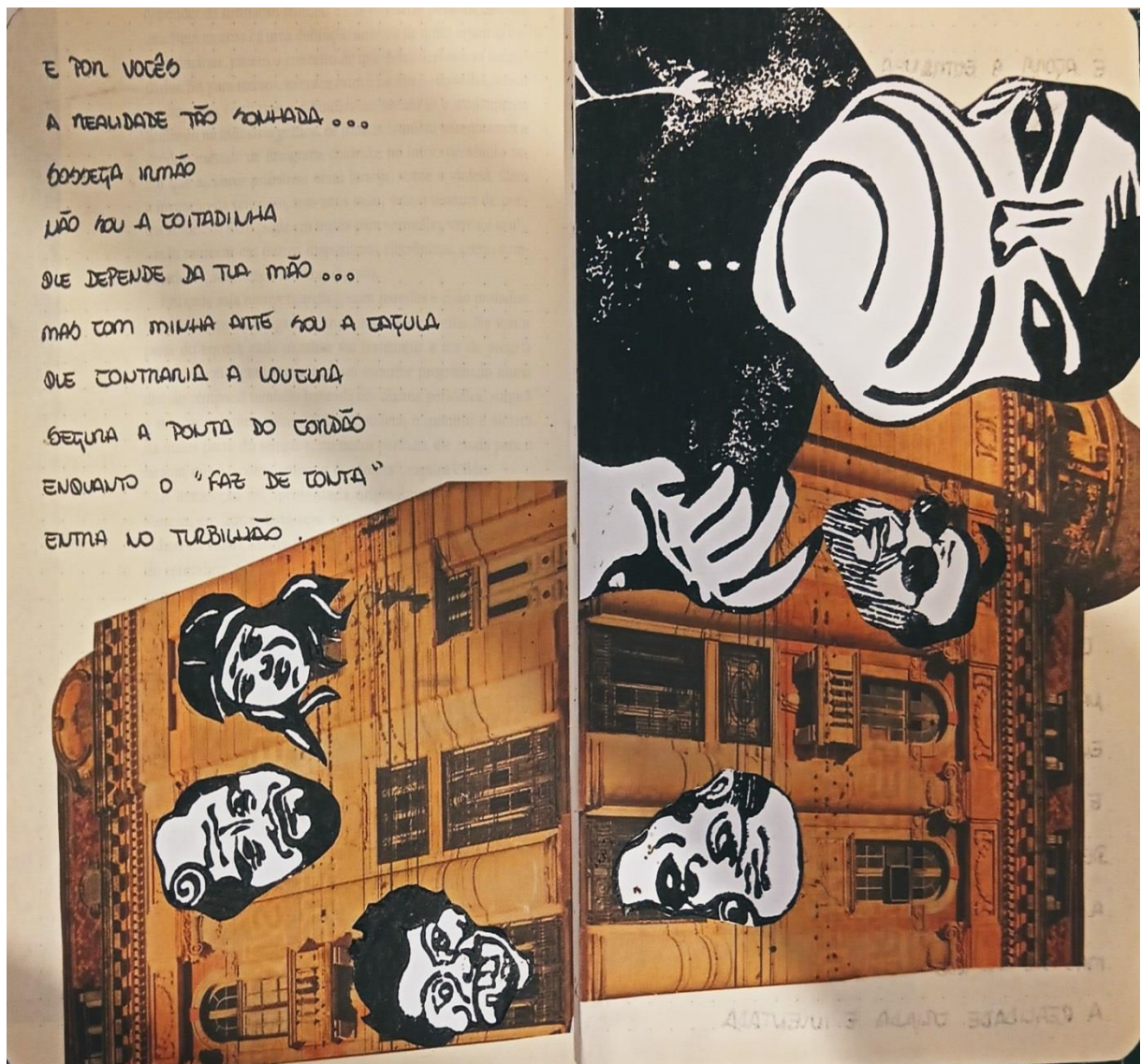
Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 21 – Dimensão do Ser identificada: Ser de emoções
(detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 20))



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 22 – Dimensão do Ser identificada: Ser de emoções
(parte textual é continuação da imagem anterior (Figura 21))



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

- Contrariar a loucura?
- Mudar a direção?
- Segurar a ponta do cordão?
- Turbilhão? Inspiração? Motivação?
- Faz de conta? Essência? Experiência?
- Acolhimento e renascimento?
- Entrega, sentimento e (re)descoberta?
- Será mesmo tudo isso verdade?

Valerá alguma coisa?

Todas estas respostas encontro na dimensão do Ser de afetividade!

O Ser de afetividade (muito próximo ao Ser de emoções) pode ser compreendido e visto como aquele Ser que dá o tom às histórias, às narrativas, às obras, é o Ser que dá o tom ao meu ser, ao meu existir, a tudo aquilo que sou, sinto e vivo... Tudo aquilo que me afeta!

Ao dar estas tonalidades às histórias, aos momentos, aos acontecimentos e aos sujeitos, o Ser de afetividade pode adquirir outras variadas formas, como por exemplo, o ser dos envolvimento, o ser que deseja, o ser dos ideais, o ser dos compromissos, o ser dos sentimentos, o ser das vontades, o ser da perseverança... Outras e variadas formas de se afetar pelo sentir!

No universo dos laços construídos, nutridos ou mesmo aqueles já rompidos, é pela dimensão do Ser de afetividade que adentro. O universo de tudo aquilo que me afetou, seja positiva ou negativamente, bem como tudo aquilo que interiorizei nas entranhas do meu ser (Figura 23) (Figura 24) (Figura 25).

Figura 23 – Dimensão do Ser identificada: Ser de afetividade



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

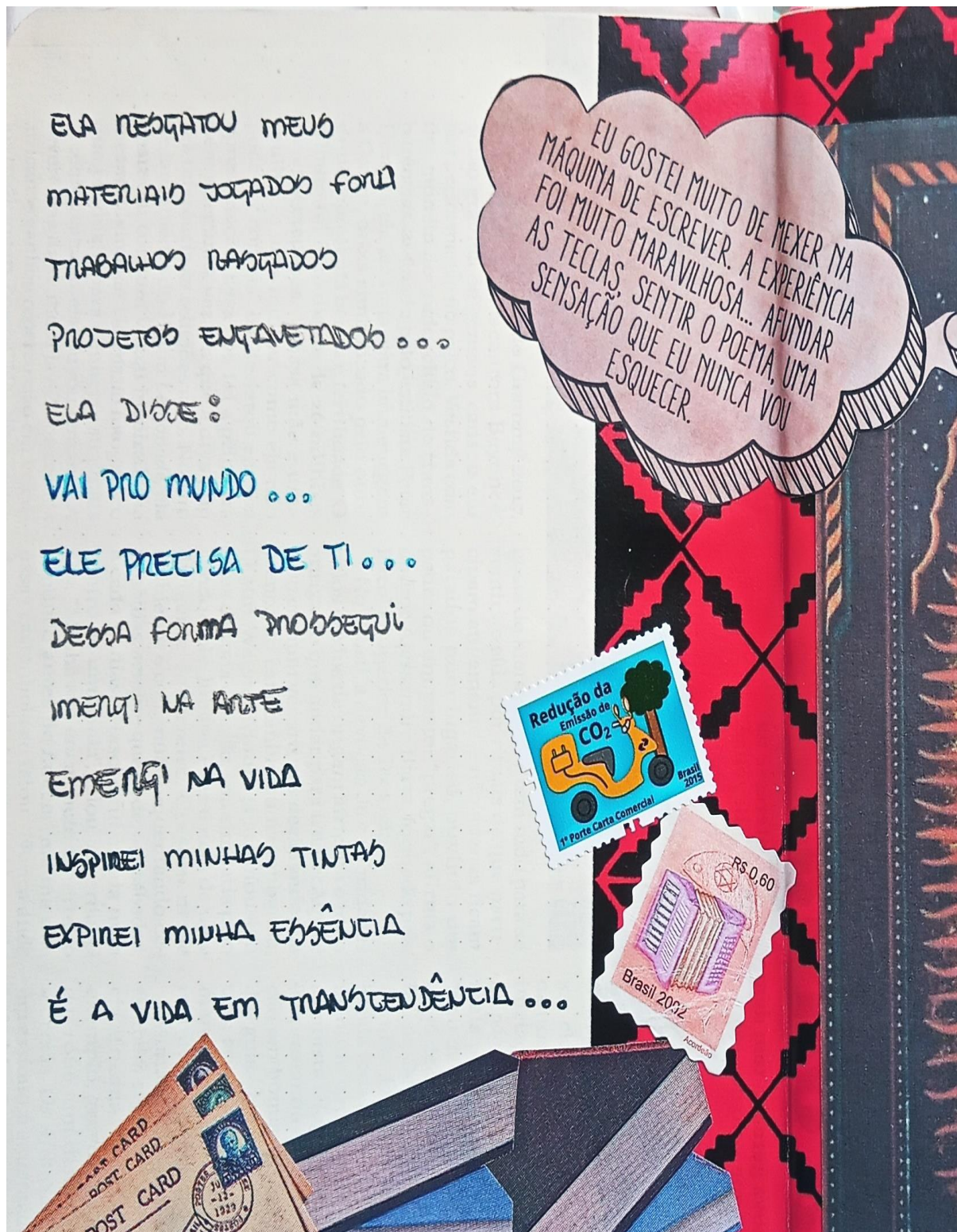
Figura 24 – Dimensão do Ser identificada: Ser de afetividade



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Do coração aninhado ao resgate da produção que eu já não mais me permitia. Por afetos que me atravessaram no mundo, na arte eu não mais me nutria. A conexão com o tom, com a cor, com o cosmos e com toda a dimensão que a criação trazia não mais me satisfazia. Foi vivenciado o momento da inércia e estagnação, não sabia como sair daquele turbilhão. O que não sabia nem imaginava, é que tudo ganharia vida a partir do ninho em que deitei meu coração.

Figura 26 – Dimensão do Ser identificada: Ser de afetividade
(detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 25))



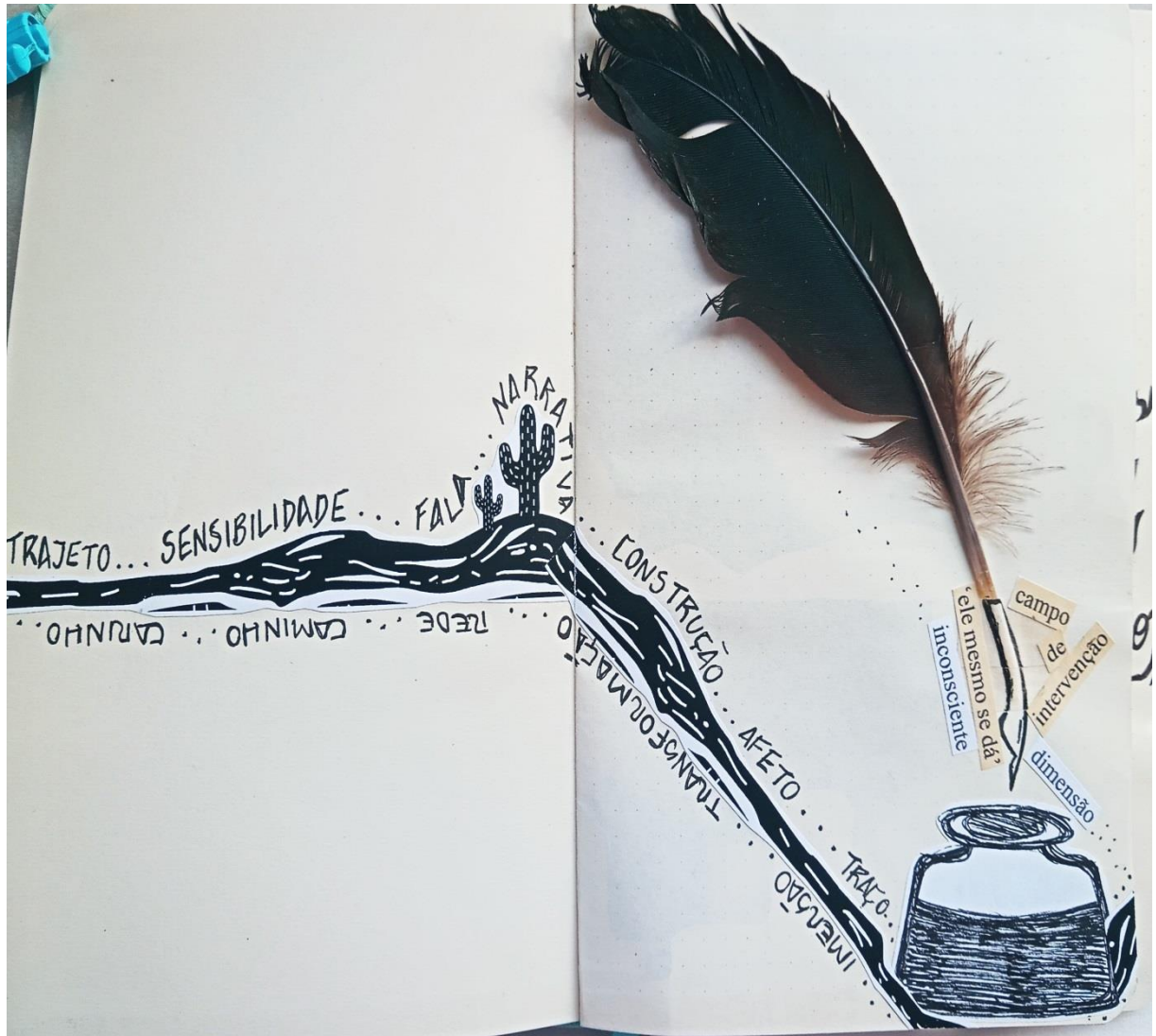
Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Como última imagem para ilustrar a dimensão do Ser de afetividade, foi escolhida uma linha do tempo (Figura 27). No entanto, uma linha do tempo que não possui datas, mas palavras... Uma linha constituída de palavras que criam entre si um caminho e, de dentro (e para dentro) de um tinteiro, num vai e vêm, outras tantas palavras saltam para constituir este percurso. Digo que a decisão não ocorreu de forma aleatória, mas sim de forma calculada, planejada e pensada com inteligência... Características dignas da dimensão do Ser de cognição!

A linha do tempo que se faz em traço
A linha do tempo que narra a trajetória no espaço
A pena na tinta
A tinta no tinteiro
Quando ambos se encontram eu desenho meu mundo inteiro
Verbos, ações, sentimentos...
Letra mais letra
Palavras descrevendo o momento
Início o diário com a linha do tempo
Mas ela aparece no final...
Pois o trajeto é assim
Eu me surpreendo com ele
Ele não se afasta de mim
Ele traz sonhos e afetos
Enquanto caminho e sinto
Cada um de seus gestos
No momento
No tempo
Em tempo...⁸

⁸ Texto que escrevi para ilustrar em palavras as palavras que ilustravam o desenho na imagem “Página ‘Linha do tempo em tempo’” (Figura 27).

Figura 27 – Dimensão do Ser identificada: Ser de afetividade
 Página “Linha do tempo em tempo”



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

O Ser de cognição é aquele que me instiga a versar sobre outras maneiras de manifestar a minha existencialidade. Esta dimensão se apresenta tanto pela abordagem da linguagem, pelo desenvolvimento das inteligências e pela obtenção de estratégias de pensar quanto pela abordagem de conhecimentos das ciências do ser humano e da natureza. Elucidada por Josso (2007, p. 428) “entramos numa “gramática” dos laços possíveis ou impossíveis no contexto de uma epistemologia, seja ela de uma disciplina do pensamento e da ação ou de uma lógica cultural organizada a partir de uma visão do mundo”.

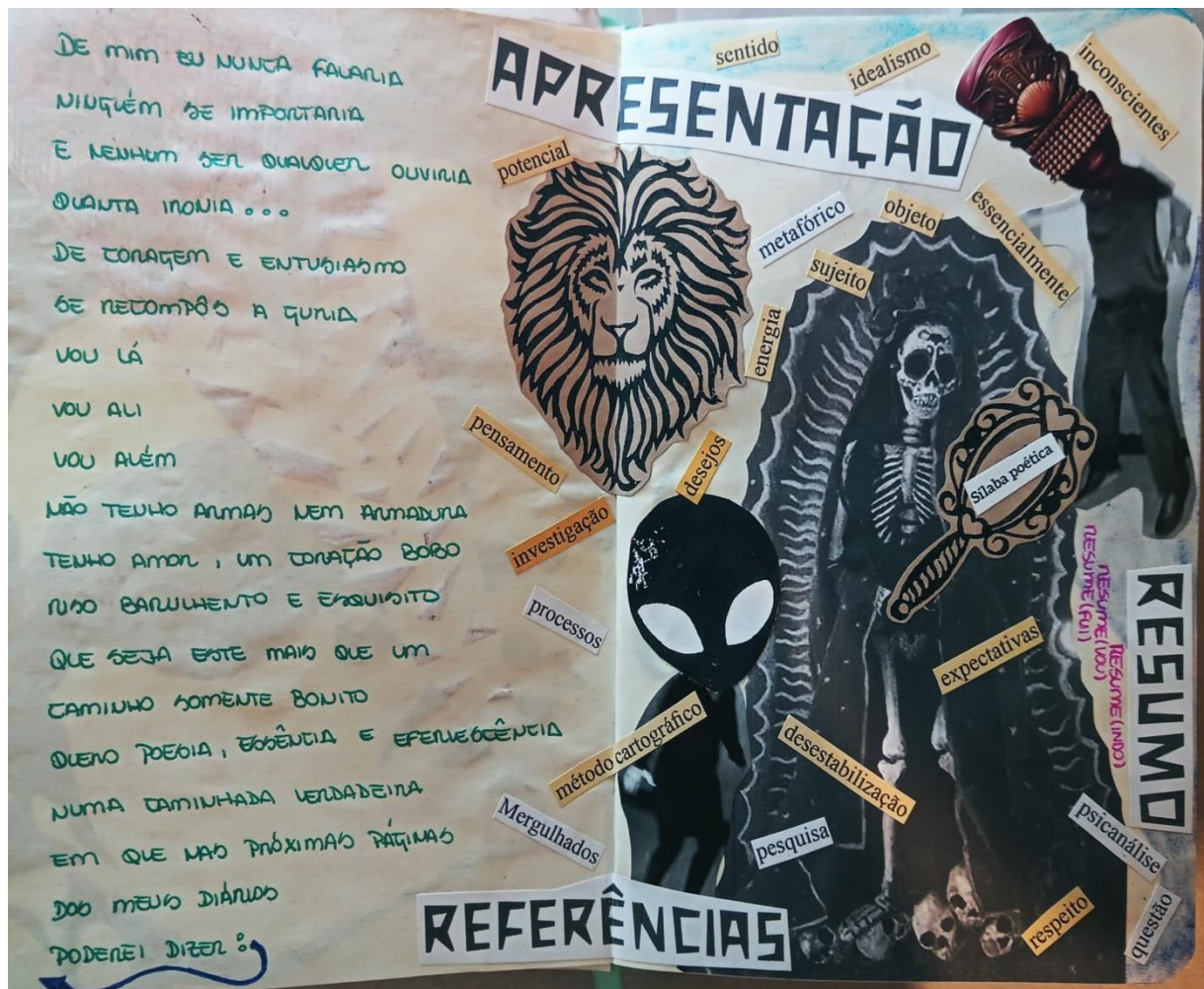
Partindo desta descrição e elucidação, encontro também o Ser de cognição em algumas de minhas páginas... (Figura 28) (Figura 29)

Figura 28 – Dimensão do Ser identificada: Ser de cognição



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 29 – Dimensão do Ser identificada: Ser de cognição



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

De mim eu nuncaalaria
 Ninguém se importaria
 E nenhum ser qualquer ouviria
 Quanta ironia...
 De coragem e entusiasmo
 Se recompôs a guria
 Vou lá
 Vou ali
 Vou além
 Não tenho armas nem armadura

*Tenho amor, um coração bobo
 Riso barulhento e esquisito
 Que seja este mais que um caminho somente bonito
 Quero poesia, essência e efervescência
 Numa caminhada verdadeira
 Em que nas próximas páginas dos meus diários
 Poderei dizer:
 Mergulhada na imaginação, fui real e fui inteira...⁹*

De volta à academia...

O conhecimento da pesquisa (auto)biográfica...

Os primeiros passos, o resumo, o anteprojeto, a análise, a avaliação, a aprovação...

A narra(criação) de uma dissertação e, neste momento, o braço dado com a dimensão do Ser de cognição.

Este ser é acionado quando desejo criar laços em pontos que antes existia nó. Quando procuro descobrir e buscar fios condutores entre pontos opostos... Foi o que ocorreu aqui, nesta pesquisa, ao me deparar com esta dimensão e, com isso, dar sentido e fazer sentir toda a existencialidade deste ser.

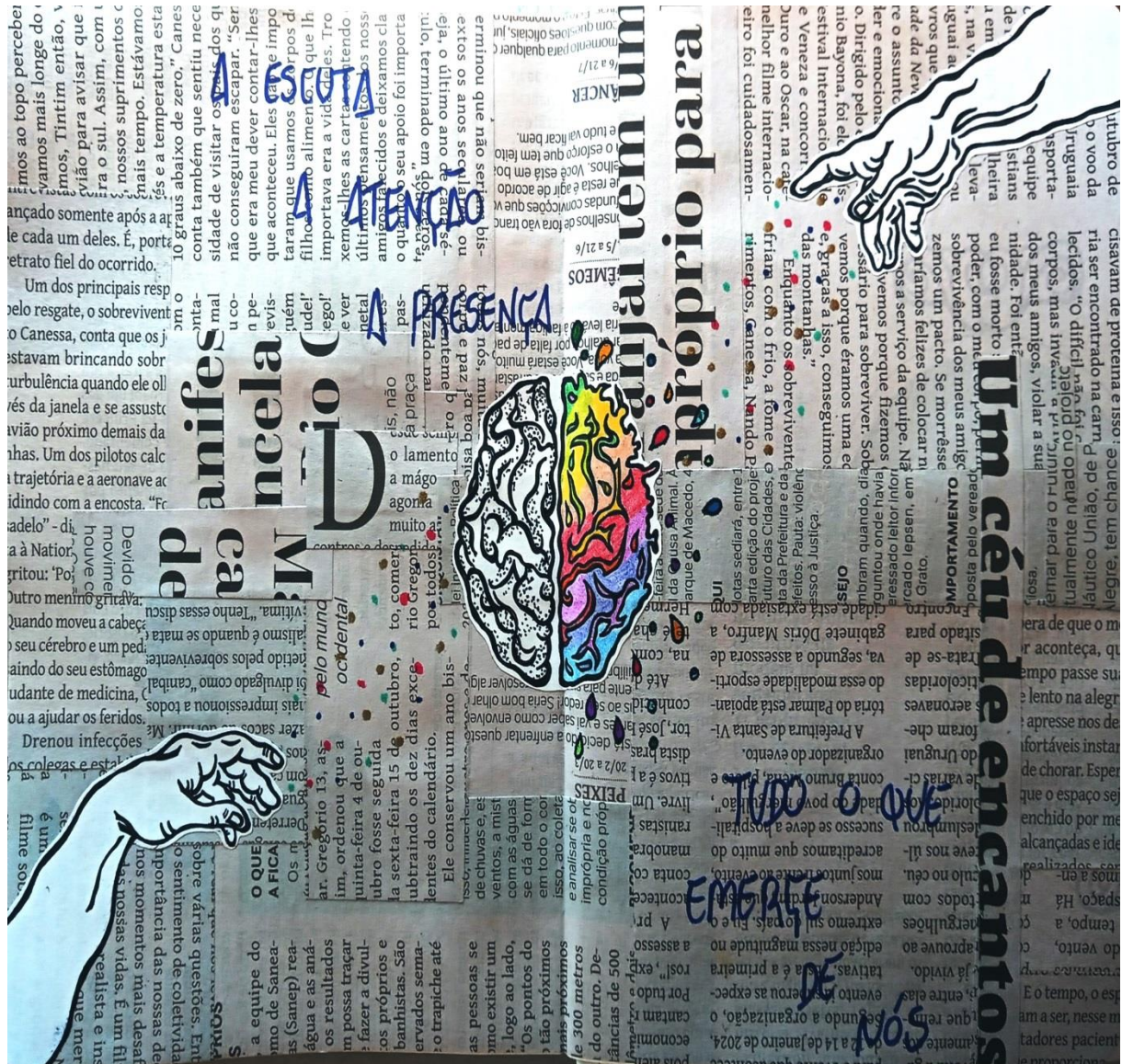
Trago, a partir deste momento, a dimensão do Ser de atenção consciente. Esta dimensão é a responsável por todo o desenvolvimento e transformação do ser humano...

O motivo de tanta relevância para tal?

Apresento a resposta com a imagem a seguir (Figura 30):

⁹ Texto na íntegra da página em que foi identificada a dimensão do Ser de cognição (Figura 29).

Figura 30 – Dimensão do Ser identificada: Ser de atenção consciente



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Enquanto folheava cada página dos meus diários, percebi que a dimensão do Ser de atenção consciente poderia ser encontrado em muitas e muitas páginas... Deveria dizer em todas as páginas? Poderia... Mas não direi apenas para não generalizar! Direi então que na grande maioria das páginas... Sim!

No momento em que me aprofundei em cada uma das dimensões do Ser para então poder realizar a análise desta pesquisa, concluí que com a ausência do Ser de atenção consciente, nenhuma compreensão de si (encontrada nas narrativas

dos diários) seria possível. Isto é, se esta dimensão não estivesse presente tanto em meus escritos e imagens produzidas quanto em minha consciência e vivência diária como ser humano, não haveria a possibilidade de construir, aqui, este conhecimento e análise de si neste estudo.

Da forma em que expressa Josso (2007, p. 426) “as desatenções, seja qual for o meio ambiente cultural e natural no qual vivemos, tornam-se rapidamente um perigo para nossa sobrevivência”. A autora justifica essas desatenções com o fato de, cada vez mais, absorvermos milhares e milhares de informações no decorrer de nossos dias.

Para elucidar a dimensão do Ser de atenção consciente com um exemplo próprio do dia a dia:

Se você pensa, procurando desesperadamente as chaves do carro, que infelizmente “esqueceu” onde as havia posto, isso pode acontecer-lhe numerosas vezes ainda, e talvez cada vez mais frequentemente. Mas se você constata que, no momento em que as colocou lá *você não estava presente no lugar em que você acha que estava e consciente do gesto que você fez*, você se dá uma chance de controlar este tipo de situação, tomando consciência de que não houve esquecimento. Você estava presente fisicamente, mas “ausente” na consciência. Por este exemplo simples e vivido por cada um de nós, eu espero evidenciar melhor a importância da atenção consciente como presença de si-mesmo no aqui e agora, tanto em nossa ligação com o mundo exterior como em nossa interioridade física e psíquica (Josso, 2007, p. 426).

A partir deste exemplo clássico que ocorre conosco inúmeras vezes, faço uma ligação com a próxima dimensão encontrada nesta pesquisa: a dimensão do ser de ação. Considerando que o Ser de atenção consciente é esta dimensão tão importante e que me faz estar presente tanto física quanto psiquicamente, o Ser de ação é aquele que torna concreto, palpáveis todas as realizações/ações que ele envolve. A dimensão do Ser de ação, segundo Josso (2007, p. 430) “é a existencialidade em suas facetas aparentes, visíveis”. É a dimensão do ser que dá corpo a tudo que é planejado e vivido. É a dimensão do movimento!

Cada uma das dimensões do Ser, aqui discutidas, possuem suas particularidades, características e evidências. No entanto, é o ser de ação que as coloca em movimento, em deslocamento e, são estes movimentos e deslocamentos

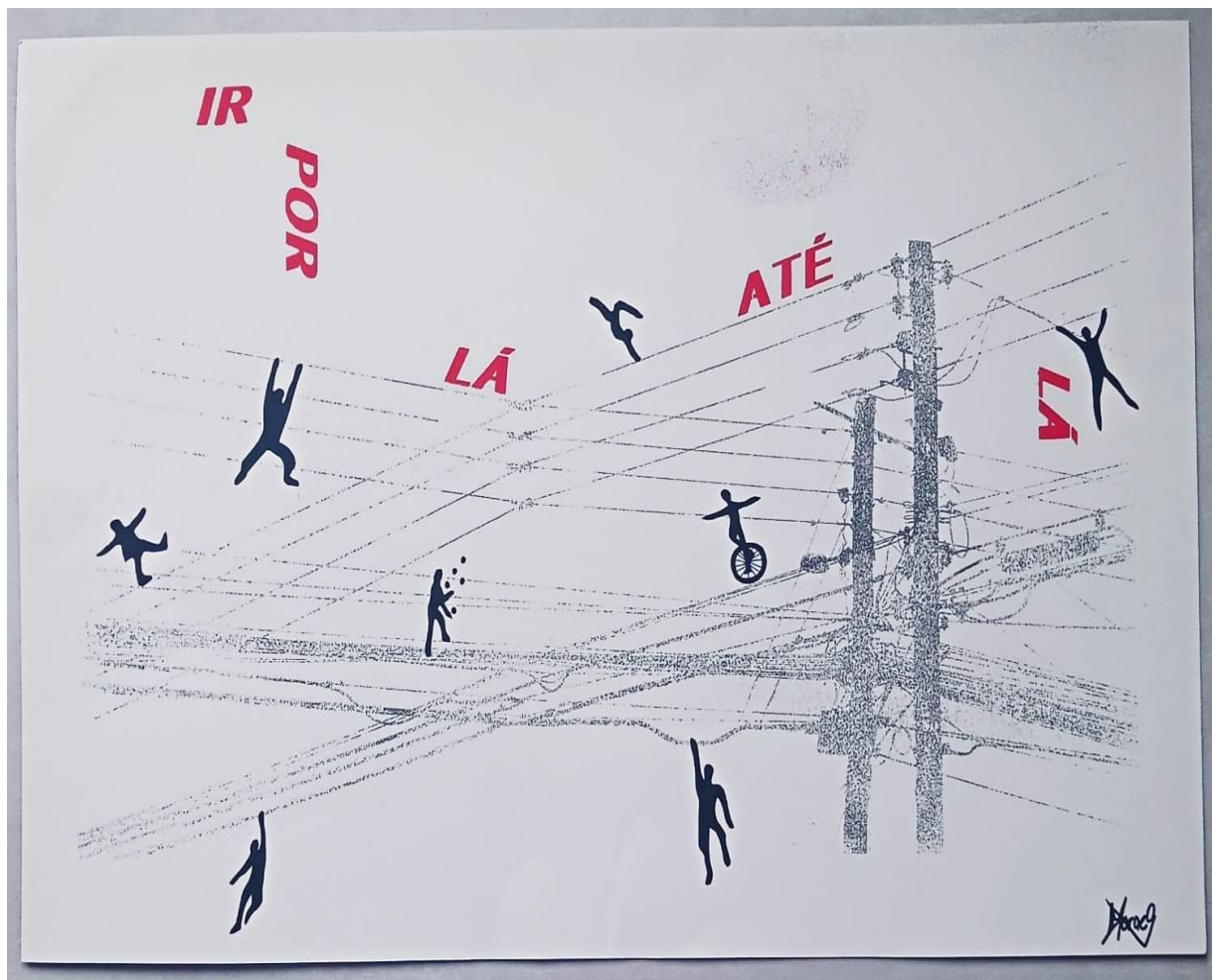
que atuam na transformação desejada, no objetivo estabelecido, no caminho que vai sendo trilhado e descoberto... Ao passo de uma nova ação!

Esta é a dimensão que leva cada ser humano à sua melhor versão, à sua melhor finalização, ao resultado mais positivo que alguém poderia desejar.

Fazendo uma analogia às artes: "como se diz de uma obra artística ou literária, musical ou plástica, que ela está pronta, completa" (Josso, 2007, p. 430).

Sendo assim, a ação do ser de ação me transforma e me leva para onde desejo e ao encontro daquilo que busco (Figura 31).

Figura 31 – Dimensão do Ser identificada: Ser de ação



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Esta obra intitulada *IR POR LÁ ATÉ LÁ* foi produzida para a disciplina *L.D.: Estudos sobre o Imaginário, Educação e Docência* durante esta pesquisa de

mestrado. Após apresentação em aula, levei esta imagem para meu diário... Toda a vez em que me deixo percorrer por estes fios, caminhos, trajetos, percebo o tanto que levo comigo e o tanto que encontro em meu percurso. Representei nesta imagem a constante busca que habita dentro de mim e, conseqüentemente, o ir e o movimentar sem cessar! Eis aqui uma relação com a cartografia que transito desde o início deste estudo... A cartografia da marcação, do caminhar, do ir para descobrir... A cartografia do movimento... A cartografia em que compreendo que o caminho é a meta. Imersa nesta imensidão de busca e descoberta encontro pelo caminho a dimensão do Ser de ação!

**Dimensão (uni)versal do ser artista-cartógrafo-pesquisador:
o Ser da metanoia que me une em versos**

Chego neste momento, no ponto do meu mapa, em que paro, olho para o caminho que percorri nestas páginas e penso que devo concluí-lo. Concluo este caminho, no entanto, a partir deste ponto marcado outros tantos trajetos se abrem...

Para qual lugar?

Para responder, é necessário caminhar, experimentar, vivenciar... E cartografar!

Já vou indo, mas antes faço um laço e deixo a marcação deste belo lugar: a morada que, nesta pesquisa, me permiti habitar!

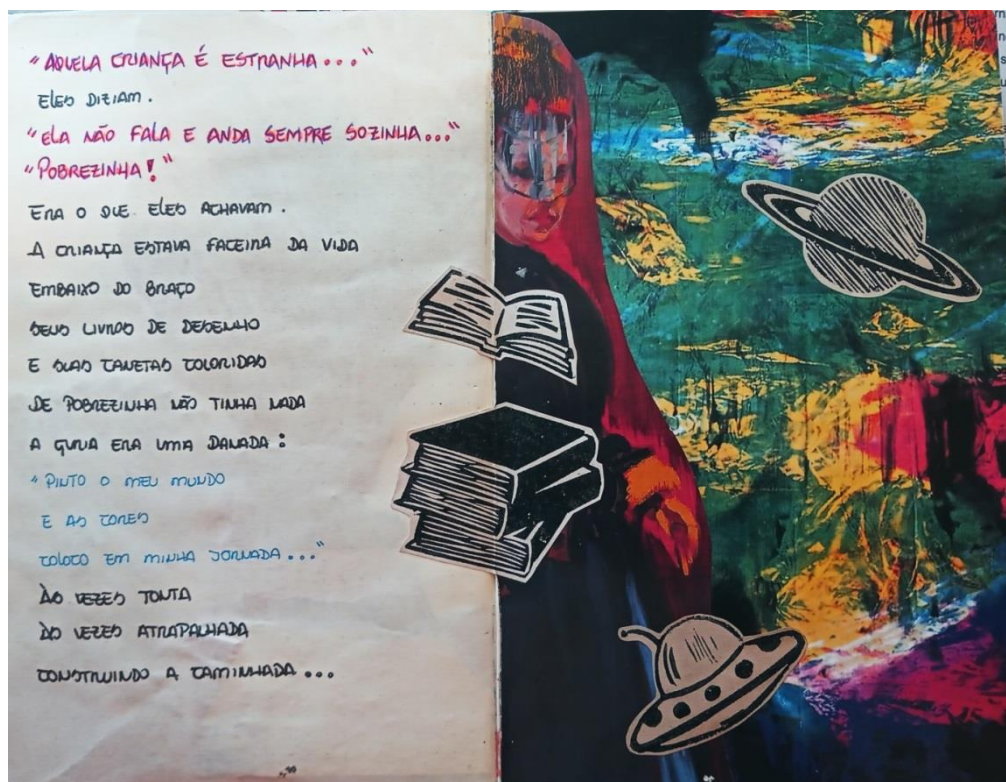
Deixei para este espaço mais uma dimensão do Ser identificada nas páginas dos meus diários: a dimensão do Ser de imaginação! Aquele que é responsável pela imaginação criadora, pela realidade sonhada... Aquele ser que é responsável por todos os laços, elos, passos, caminhos e existires compartilhados... A dimensão do Ser de imaginação é aquela que permite que eu utilize minha produção artística como uma interlocutora para falar de si, da visão de mundo, de sensibilidades, de humanidades, do universo... (Uni)verso... O verso que nos une! (Figura 32). Ela possibilita a descoberta de outros e desconhecidos universos possíveis e outros e desconhecidos (uni)versos imagináveis! (Figura 34)

Acerca desta dimensão, percebo que

É preciso colocar aqui toda a vida onírica, em estado de sono ou em “sonho acordado”, cuja linguagem, muitas vezes misteriosa na primeira abordagem, remete à faculdade da imaginação em criar símbolos que nos “falam” noturnamente... Enfim, este Ser de imaginação manifesta-se em sonhos e projetos que já serviram de marcos para orientar a existência ou que permitem formular outros novos (Josso, 2007, p. 429-430).

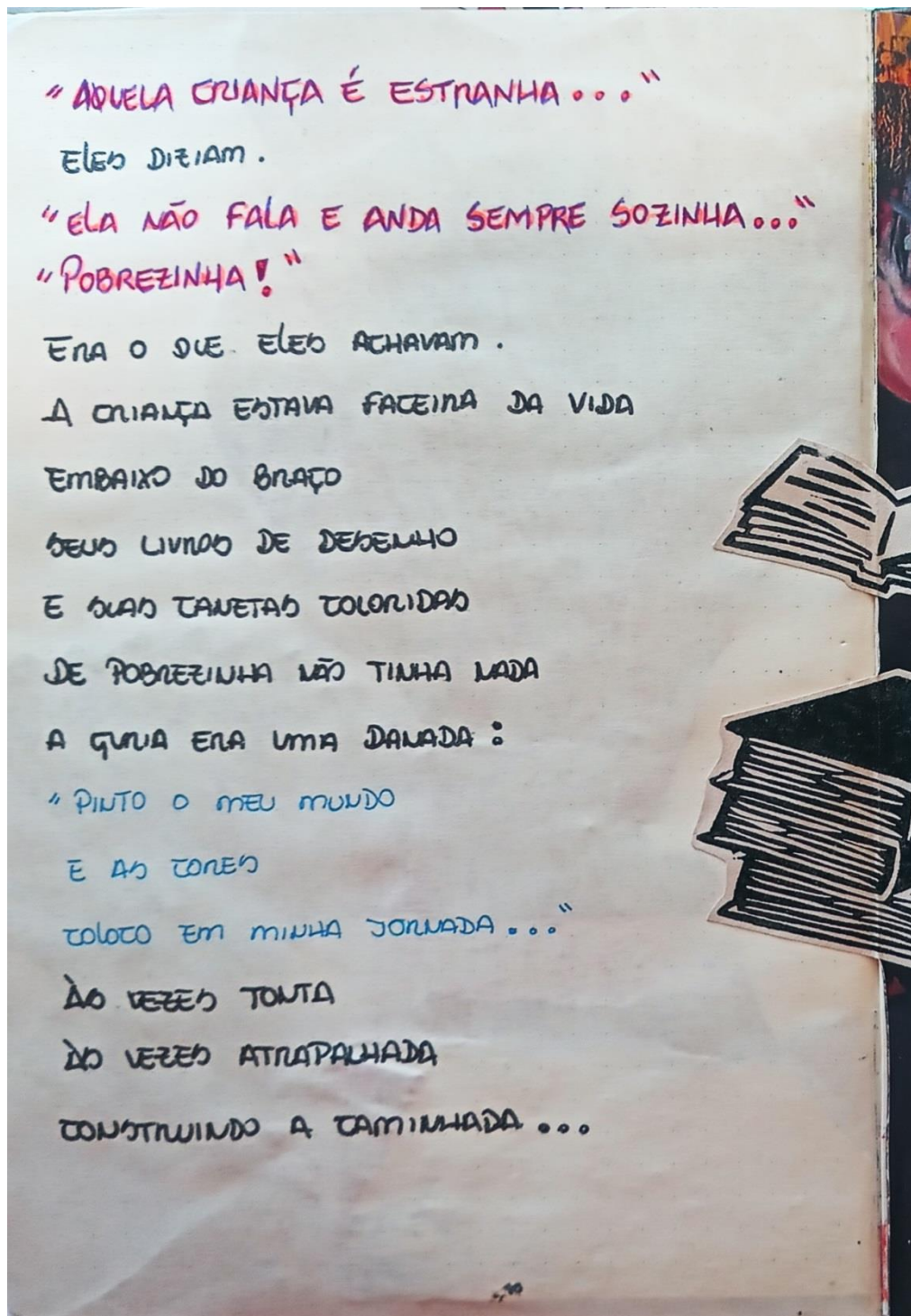
E aqui traço mais um paralelo entre as dimensões do Ser de imaginação e do Ser de ação: enquanto o primeiro sonha, potencializa e projeta, o segundo executa e coloca em movimento. Um precisa do outro e, o outro, não movimenta sem o um. E é desta maneira que as dimensões do Ser executam, aqui nesta pesquisa, a sua finalidade: dar voz, corpo, sentido, fazer sentir... Tudo o que havia em minha mente, mas não encontrava o ponto exato para transcender...

Figura 32 – Dimensão do Ser identificada: Ser de imaginação
(texto e imagem completos)



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 33 – Dimensão do Ser identificada: Ser de imaginação
(detalhe da parte textual da imagem anterior (Figura 32))



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Figura 34 – Dimensão do Ser identificada: Ser de imaginação



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das Dimensões do Ser.

Tomar a consciência de todas essas existencialidades... As existencialidades de si, o concreto e o onírico de meus diários... Tudo o que faz de mim um ser coerente e consciente, unindo Arte, Educação, pesquisa (Auto)Biográfica e as dimensões do Ser nesta imensa construção. Unindo a artista, a cartógrafa e a pesquisadora em um estudo que, muito mais que produzir sentido, deseja ser sentido, deseja tocar e encantar... E dentro dessa consciência, existir, (re)existir, partilhar e iniciar um novo caminhar...

Sobre esta tomada de consciência, trago que

Uma nova consciência de si, de um si mais unificado, inventado por necessidade de coerência interior, emergia graças à formatação em suportes específicos (imagens e palavras) e dessa nova consciência de si nascia uma invenção identitária que também se chamava na época o ato de dar sentido à vida. Assim, o trabalho biográfico permitia criar um discurso que, ao fazer-se, inventava a parte original de minha identidade de pesquisadora profissional, alimentava outras atividades, tais como meu trabalho pictural e me ajudava ainda a inventar a especificidade de minha identidade de artista profissional. Finalmente, no plano existencial, essa tomada de consciência deu-me um horizonte de vida, marcado pela integração de pontos de vista e de práticas socialmente desconjuntas (Josso, 2007, p 433).

Mais do que uma citação, introduzo neste capítulo um relato... Relato de Marie-Christine Josso no qual encontro em suas palavras todo o aconchego, explicação, justificativa, paixão, significado, existências, singularidade, pluralidade... A lista se tornaria imensa em poucos minutos! Utilizarei, devido a isso, uma palavra: consciência! Foi quando essa nova consciência de si emergiu de dentro do meu ser que compreendi a potência de todo este trabalho (auto)biográfico. Foi quando encontrei minha identidade, foi quando fiz a conexão entre minha arte e meus escritos, foi quando as dimensões do Ser mostraram que enquanto ser humano, sou única... Mas serei sempre infinita quando imersa nas dimensões que me constituem. Foi, enfim, o momento em que todas as engrenagens rodaram juntas e no tempo certo. Foi quando a metanoia ocorreu e uma outra dimensão apareceu... Josso em sua metanoia oferece “a última palavra ao poeta” (2018, p. 364), eu aqui neste estudo, ofereço também uma palavra ao poeta, uma inspiração ao artista, mas, principalmente, uma nova vertente ao pesquisador... A pesquisa é o momento da inovação, de rever tudo o que já foi visto e trazer o que ainda nem foi pensado... É ressignificar o olhar e o intelecto, é fazer diferente sem perder o valor, é fazer poesia sem deixar de lado o rigor. É fazer uma pesquisa ser única... Não por sermos únicos, mas por sermos sonhadores! Essa é a metanoia e este é o ponto desafiador!

Uma dimensão que dentro de mim é universal, ela constitui cada vão e espaço do ser que sou e, a partir desta pesquisa, o ser que me tornei: o Ser da metanoia (Figura 35) que me une em versos, me atravessa em teorias, me marca em afetos, me ataca em ausências (ausências de uma solidão habitada e repleta de habitantes), me compõe com tudo o que eu não conhecia... Porém, dentro (e junto) do desconhecido me transformei. Compreendi que sou uma, mas também posso ser tantas, inúmeras e diversas... Uma a cada dia... Múltiplas a cada hora... Artista, cartógrafa, pesquisadora, aprendiz, aluna, sonhadora... Todas cabem em mim, assim como todas as dimensões identificadas... Meu Ser-no-mundo imergindo no mergulho profundo e emergindo no (uni)verso plural... Eis a joia da metanoia: “A vida humana na Terra pode ser apenas uma etapa. Mas o segredo está do outro lado e está bem guardado” (Josso, 2018, p. 364).

Figura 35 – Dimensão (uni)versal: o Ser da metanoia que me une em versos



Fonte: Diário utilizado para o capítulo de análise das dimensões do Ser.

**Onde encontrei apoio, abrigo, inspiração, fundamento e sentimento:
as minhas referências**

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v.34, n.2, p.165-172. maio/ago. 2011.

BARROS, Regina Benevides de.; PASSOS, Eduardo. **A Cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: Eduardo Passos; Virginia Kastrup; Liliana da Escóssia. (Org.). Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de Vida e Formação**. Lisboa: Educa, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v. 30, nº 3, 2007.

Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088>

JOSSO, Marie-Christine. A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís. (org.) **Essas coisas do imaginário** – diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber livro, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. Da Formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. 2.ed. Natal: EDUFRRN, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento. (org.) **A nova aventura (auto)biográfica** – Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

JOSSO, Marie-Christine. A metanoia: um processo biográfico de mudança de paradigma. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. et al. (org.) **A nova aventura (auto)biográfica** – Tomo III. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

NÓVOA, António. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.) **História e histórias de vida:** destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro.** Campinas: Papirus, 1991.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental** – transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição** – notas para uma vida não cafetinada. . 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2021.

ⁱ Os quatro diários utilizados no decorrer desta pesquisa, estão disponíveis, na íntegra, no link:
<https://drive.google.com/drive/folders/1xpKXHvmgQAmKGOUSTmEhACJzI8AnRsgb?usp=sharing>

“Diário 1” foi o qual originou esta pesquisa.

“Diário 2” e “Diário 3” foram sendo construídos durante o processo de investigação.

“Diário 4” foi utilizado especificamente para os capítulos “Estrutura do Ser: como este ser pesquisador e pesquisado se constituiu até aqui?”, p.39 e “Dimensão (uni)versal do ser artista-cartógrafo-pesquisador: o Ser da metanoia que me une em versos”, p. 77.